

Instituto de Artes
Licenciatura em Artes Visuais



Mariana Wartchow

Arte e Espiritualidade

Budismo e Cerâmica em uma Produção Poética Coletiva

Porto Alegre

2021





Mariana Wartchow

Arte e Espiritualidade

Budismo e Cerâmica em uma Produção Poética Coletiva

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado como requisito parcial à
obtenção do título de licenciada em Artes
Visuais do Instituto de Artes da Universidade
Federal do Rio Grande do Sul.

Orientadora: Profª Dra. Cláudia Vicari Zanatta

Porto Alegre

2021

FICHA CATALOGRÁFICA

CIP - Catalogação na Publicação

Wartchow, Mariana
Arte e Espiritualidade Budismo e Cerâmica em uma
Produção Poética Coletiva / Mariana Wartchow. -- 2021.
80 f.
Orientadora: Cláudia Vicari Zanatta.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) --
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto
de Artes, Licenciatura em Artes Visuais, Porto Alegre,
BR-RS, 2021.

1. arte. 2. espiritualidade. 3. cerâmica. 4.
educação. 5. método participativo e colaborativo. I.
Zanatta, Cláudia Vicari, orient. II. Título.

Mariana Wartchow

Arte e Espiritualidade

Budismo e Cerâmica em uma Produção Poética Coletiva

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado como requisito parcial à
obtenção do título de licenciada em Artes
Visuais do Instituto de Artes da Universidade
Federal do Rio Grande do Sul.

Orientador: Cláudia vicari Zanatta

Aprovada em:Porto Alegre, 22 de novembro de 2021.

BANCA EXAMINADORA:

Profa. Dra. Cláudia Vicari Zanatta
UFRGS

Profa. Dra. Elaine Athayde Alves Tedesco
UFRGS

Profa. Dra. Paola Basso Menna Barreto Gomes Zordan
UFRGS

DEDICATÓRIA

A todos os professores e professoras que
contribuíram para a minha caminhada. À
vida luminosa e seu universo de
possibilidades. À família que me cria e cria.

Todos nós somos criativos... É um poder que todos nós possuímos, um fluxo de energia que surge instintivamente a partir de dentro, influenciando todos os aspectos da nossa vida. A criatividade é o fogo sagrado que faz acender a chama da mudança positiva em nós mesmos, nos outros e no mundo. Nossa natureza é criativa e a humanidade evoluiu por causa disso. (WANGYAL T. , 2019, p. 9)

RESUMO

A pesquisa aqui apresentada faz relações entre arte e espiritualidade, trazendo um contexto pessoal e uma proposta de prática na qual a cerâmica é um meio pelo qual se estabelece uma relação com a matéria, para propiciar um olhar sobre si mesmo e para um grupo. A cerâmica envolve uma relação direta com elementos da natureza — processos de secagem e transformação pela queima fazem parte, sendo, portanto, uma ótima ferramenta para olhar a nossa própria relação com a natureza. A educação é olhada em um contexto amplo, não institucionalizado, voltada para um outro tempo, no qual a experiência é o que mais importa, em um processo único para cada um a cada vez. Trazer a questão do indivíduo em relação ao coletivo na produção do projeto e da proposta artística traz reflexões sobre a arte participativa e colaborativa. Ao mesmo tempo, temos um processo individual, na produção, e depois um processo coletivo, no planejamento e na montagem do objeto final, que se torna um símbolo de união.

Palavras-chave: Arte, espiritualidade, cerâmica, educação e método participativo e colaborativo.

ABSTRACT

The research presented here relates art and spirituality, bringing a personal context and a practical proposal in which ceramics is a means by which we establish a relationship with matter in order to provide a look towards the self and the group. Ceramics involves a direct relationship with the elements of nature —processes of drying and transformation through the burning take place, being, therefore, a great tool to look at our own relationship with nature. Education is seen in a broad, non-institutionalized context, focused on another time, one in which experience is what matters the most, in a unique process for each person at each time. Bringing the individual aspect in relation to collectiveness in the production of the project and the artistic proposal allows reflections on participative and collaborative art. At the same time, we have an individual process, during production, and a collective process, during the planning and assembly of the final product, which becomes a symbol of union.

Keywords: art, spirituality, ceramics, education, collaborative and participative method.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 — Mandala das 5 Sabedorias, pintada no teto do Templo do Centro de Estudos Budistas Bodisatva, Caminho de Meio em Viamão/RS.

Figura 2 — Dois Malas com 108 contas cada.

Figura 3 — Templo Budista do Centro de Estudos Budistas Bodisatva e paineira com Mala de contas cerâmicas da instalação “Grandes Árvores Meditantes”, Viamão/RS, 2018.

Figuras 4 e 5 — Detalhe das esferas de argila do Mala da Instalação Grandes Árvores Meditantes, 2018.

Figura 6 — Esferas produzidas para as aulas, com diversos acabamentos.

Figuras 7 e 8 — Registro de criança participando na produção de esferas de argila.

Figura 9 — *Archive of Mind*, da artista coreana Kimsooja, no Salem’s Peabody Essex Museum, 20 de julho, 2019.

Figura 10 — Kimsooja, *Archive of Mind*, 2017.

Figura 11 — Esferas de participantes.

Figuras 12 e 13 — Fazendo esferas acompanhando as aulas do projeto e retiro com Lama Padma Samten.

Figuras 14 e 15 — Esferas de participantes.

Figura 16 — Esferas de participante realizadas com a participação da família.

Figura 17 — Colar instalado por uma participante.

Figura 18 — Coletânea do processo realizada por uma participante.

Figura 19 — Esferas reunidas para as montagens coletivas no Centro de Estudos budistas bodisatva, Viamão/RS.

Figura 20 — Processo de montagem dos Malas.

Figura 21 — Malas montados.

Figura 22 — Mala I.

Figura 23 — Mala II, instalado em árvore do Centro de Estudos Budistas Bodisatva, Viamão/RS.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	14
2 DESENVOLVIMENTO	16
2.1 ARTE E ESPIRITUALIDADE.....	16
2.1.1 Artista praticante.....	19
2.1.2 Darma e arte.....	21
2.1.3 A Mandala das 5 sabedorias	23
2.1.4 Budismo e Cultura de Terra Pura	27
2.1.5 O que é um Mala	29
2.1.6 Relação entre o fazer cerâmico e a mente	31
2.1.7 Instalação Grandes Árvores Meditantes	31
2.2 CERÂMICA, MANUALIDADES, EXPERIÊNCIA E EDUCAÇÃO.....	32
2.2.1 Projeto Artístico Malas Gigantes	35
2.3 SOBRE O MÉTODO PARTICIPATIVO E COLABORATIVO.....	44
2.4 RELATOS.....	45
3 CONSIDERAÇÕES FINAIS	53
3.1 MONTAGEM COLETIVA.....	53
3.2 DESDOBRAMENTOS A PARTIR DO PROJETO	57
4 REFERÊNCIAS.....	60

Busque uma posição confortável e sinta a quietude no corpo, perceba o silêncio dentro de você e ao seu redor, sinta o espaço dentro e em torno do seu coração.

1 INTRODUÇÃO

Ao descobrir o espaço do ser, você encontra seu potencial criativo. (WANGYAL T. , 2019, p. 59)

A meditação conecta você com a fonte da criatividade infinita. É seu apoio para superar obstáculos e familiarizar-se com as qualidades positivas de sua verdadeira natureza, a partir das quais você pode expressar sua vida plenamente. (WANGYAL T. , 2019, p. 27)

Arte e espiritualidade me acompanham desde muito cedo, com aquela sede que precisa ser saciada, como respirar, uma necessidade vital, que, quando inspiro, nutre, e, quando exalo, expresso e posso oferecer algo de volta ao mundo.

No âmbito da arte, tenho a cerâmica como meio de expressão, com a qual entrei em contato muito cedo, e essa relação com elementos da natureza e possibilidades de colocar para fora um mundo interno me acompanha por mais de 25 anos.

A busca espiritual me levou por caminhos relacionados ao Yoga, viagens à Índia e Nepal, onde tive contato com o hinduísmo e o budismo. Na atuação profissional, o papel de terapeuta esteve presente por mais de 15 anos, partindo de uma formação como fisioterapeuta e professora de Yoga.

Para mim, a arte é um grande tema, no qual a trama apontada acima pode se desenvolver, desenrolar e revelar muito sobre o meu processo, e esse desenvolvimento pode partir para a relação com o outro. Estamos sempre em relação, com os outros, com o meio — é na relação que a prática acontece! Me vejo como uma artista praticante, na relação com a matéria e com outras pessoas.

Tenho a prática formal de meditação silenciosa budista como processo e experiência, esse momento no qual sento em silêncio, contemplo e pratico estar consciente é a base para as propostas em arte que visam trazer a presença, olhando para si mesmo, com algo denso como suporte, que ajude a manter a mente presente, ao mesmo tempo que amplie nossas percepções sutis e nos leve ao espaço da consciência. Vou falar sobre prática ao longo do trabalho, mas neste ela tem uma relação informal, relacionada ao cotidiano.

Trazer o processo artístico utilizando a cerâmica como um elemento relacional e trabalhar em grupo é um dos objetivos deste projeto. Ter o processo individual de olhar para si mesmo e processar suas próprias questões, ao mesmo tempo que está

amparado e tensionado pelo grupo, buscando questões do coletivo e daquilo que nos une, também fazem parte desta pesquisa. A prática é uma questão central.

**Sinta a quietude no corpo, perceba o silêncio dentro de você e ao seu redor,
sinta o espaço dentro e em torno do seu coração.**

... sentar-se em uma almofada no chão com as pernas cruzadas não é a única maneira de praticar. O propósito da meditação é nos conectar com a base sagrada do ser, havendo muitas maneiras de estabelecer essa conexão. Para um músico, tocar um instrumento pode ser uma meditação. Para alguém que gosta de cozinhar, preparar uma refeição pode ser uma prática sagrada. Qualquer atividade pode ser uma meditação se você estiver conectado ao espaço do ser — à fonte — quando você lhe dá voz ou forma. (WANGYAL T., 2019, p. 26)

Ler este trabalho pode ser uma prática meditativa, para tanto, vou trazer palavras em negrito, que favoreçam esta disposição e tragam essa lembrança ao longo do texto. O espaço que se fará presente traz a qualidade deste elemento, a partir do qual há liberdade para os outros elementos se manifestarem.

A natureza tem qualidades que afetam nossa mente e trazem a disposição de contemplar. Na cerâmica, nós nos relacionamos diretamente com elementos da natureza — terra e água, na modelagem, e o fogo e o ar, nos processos de transformação —, por isso, ela pode ser uma forma direta de relação com a matéria, que traz para a experiência física reflexões de contemplações sutis.

O método a ser utilizada será participativo e colaborativo.

2 DESENVOLVIMENTO

2.1 ARTE E ESPIRITUALIDADE

A definição de arte que se relaciona a este trabalho vem da perspectiva budista, na qual o aspecto central é a compaixão, é a partir dela que surge a intensão do artista.

Os artistas budistas criam com o objetivo de se conectar com outros seres por meio de seus elementos interiores puros e, assim, transformar seus elementos externos grosseiros em iluminação por meio dessa conexão... Por meio das intenções do artista sublime, os elementos externos grosseiros são purificados nos elementos internos sutis e se reconectam com os fenômenos internos de sabedoria. Num sentido temporário, isso provê satisfação, porque há o reconhecimento das qualidades internas na expressão interna da arte. Num sentido último, há liberação pela purificação da substância da arte sem essência na iluminação da essência insubstancial. (NORBU, 2020, p. 140)

A arte está como caminho para essa relação e percepção de uma essência insubstancial, porém, fonte de toda a criatividade. O artista apenas age iluminando esse aspecto presente em todos e em tudo. A arte se dá na troca, na percepção do presente, no que há de mais profundo, no cotidiano, acessível para todos.

Mas nem sempre estamos acostumados a acessar esses lugares profundos. Então uma atividade na matéria grosseira pode criar uma pausa para uma relação

profunda. A arte pode ser uma prática relacionada com a espiritualidade, uma vez que contribui como caminho de autoconhecimento e expressão. Todas as ferramentas que puderem nos ajudar a enxergar melhor o que temos dentro e as diferentes formas com que podemos ver o mundo são importantes e podem ser um caminho espiritual.

A espiritualidade pode ter muitas interpretações, mas aqui trago a relação com esse espaço de sabedoria infindável, no qual todos os elementos se tornam uma única essência pura, secreta e sem fim.

Uma questão espiritual é, em primeiro lugar, uma questão que colocamos a nós mesmos e que processamos a sós. Da mesma forma como nossas respostas vêm do interior, também de lá vêm nossos questionamentos. Eles vêm do mesmo lugar. Todos os questionamentos estão ligados a algo que já sabemos. Cada pergunta levará a uma resposta, que levará a mais questionamentos e assim por diante. Enquanto nossa compreensão cresce, nossos questionamentos se tornam mais claros e nossas respostas mais significativas. É assim que funciona o caminho espiritual. (PONLOP, 2016, p. 32)

Comparando os questionamentos que surgem no processo artístico com essa fala relacionada com o caminho espiritual, podemos ver que ambos têm muito em comum — esse caminho de questionamento, no qual um processo interior se desenrola, levando o praticante a um outro ponto de ver e estar. Nessa comparação, os processos têm muito em comum, mesmo que tenham diferentes fins.

Muitas vezes misturamos espiritualidade e religião, como se fossem uma coisa só. Isso não funciona muito bem. Um caminho espiritual pode existir dentro ou fora de um contexto religioso. A religião e a espiritualidade podem ser complementares, como práticas e experiências separadas. Um caminho espiritual é uma jornada interior, que começa com questionamentos sobre quem somos e sobre a natureza e o sentido de nossa existência. Naturalmente, trata-se de um processo de introspecção e de contemplação. (PONLOP, 2016, p. 33)

Acho importante essa diferenciação entre espiritualidade e religião, mesmo que o budismo possa ser uma referência pessoal minha. Os processos artísticos e espirituais não precisam estar relacionados de forma fixa a ele. Pode ser ou pode não ser, mas também pode ser! É sobre uma liberdade de poder olhar o potencial e o que faz sentido para cada um, de acordo com o que cada um carrega dentro de si. Como diz o artista Vassily Kandinsky:

A vida espiritual, a que a arte também pertence e de que é um dos mais poderosos agentes, traduz-se num movimento para a frente e para o alto, complexo, mas nítido, e que pode reduzir-se a um elemento simples. E o próprio movimento do conhecimento. Seja qual for a forma que adote, conserva o mesmo sentido profundo e a mesma finalidade. (KANDINSKY, 1996, p. 31)

**Contemple os três aspectos:
externo — interno — secreto.**

Essa fala remete a contemplar o sentido profundo, indo além de um olhar superficial. No budismo, é falado em três aspectos: o externo, o interno e o secreto¹. É nesse sentido que nossa contemplação caminha, para treinar a visão a perceber o aspecto secreto em todas as coisas. Outros três aspectos abordados no budismo são visão, meditação e ação.

A pessoa pode fazer arte de modo comum ou de modo lúcido, com consciência do aspecto luminoso, entendendo o aspecto sutil e secreto. Aquilo pode se tornar um caminho espiritual da ampliação da visão de como as realidades surgem. A mente sonha... olhando uma parede surgem tridimensionalidades... A arte pode conduzir a um caminho da consciência. (SAMTEN, 2017)

Os níveis de visão, meditação e ação não ocorrem um de cada vez ao longo da vida, estão sempre embolados uns nos outros, sucedendo-se ao mesmo tempo. Quando saímos da sala de meditação, gostaríamos de poder manter a tranquila visão meditativa. Para isso, precisamos do nível de ação. O nível de ação é curioso. Ele surge a todo momento na vida cotidiana, quando nos deparamos com desafios. Surge como se fosse o nível mais sofisticado e, simultaneamente, o mais introdutório. Isso se deve ao fato de termos um processo cíclico natural: quando chegamos ao final de algo, recomeçamos. (SAMTEN, 2010, p. 11)

O fazer artístico se relaciona com esse momento da ação, mas ela não é qualquer ação quando a arte e a espiritualidade andam juntas, ela é uma ação embasada em uma visão e na meditação antes desenvolvida. Ao mesmo tempo, esse fazer pode se tornar uma meditação, e isso também contribuir para a nossa visão, assim esse aspecto cíclico se manifesta.

2.1.1 Artista praticante

... o praticante busca manter sua mente estável no contato com o mundo, ou seja, tenta não seguir os impulsos comuns que sempre o orientam. Desenvolve a capacidade de parar diante das coisas, sem a obrigação de reagir do modo habitual. Essa habilidade vem do treinamento de meditação. (SAMTEN, Mandala do Lótus, 2006, p. 57)

A liberdade vem da não reação, assim, surgem outras possibilidades de resposta a partir de uma mente estável e lúcida. A estabilidade é utilizada no caminho, para ir adiante e perceber o aspecto luminoso da realidade e da natureza da mente.

¹ O externo se relaciona ao aspecto grosseiro, tangível, que pode ser percebido primeiramente, ligado ao aspecto mais concreto. O interno se relaciona aos aspectos sutis, internos como o que se passa na mente, pensamentos, construções mentais e emoções. O secreto é a liberdade, se relaciona ao aspecto absoluto, primordial, imaterial, para além de vida e morte, a essência insubstancial.

Ser um praticante indica uma prática com a qual se relaciona, e processos se desenrolam a partir dela. Existe uma familiarização com a prática, que a torna mais natural, mas, a cada vez, ela é única — antes de ser feita, não se tem como saber como vai ser, quais qualidades de atenção e profundidade serão experienciadas, mas podemos olhar e nos perceber a partir da experiência.

**Contemple os três aspectos:
visão — meditação — ação.**

Por meio da meditação, é preciso cultivar a confiança, bem como aprofundar a familiaridade com o espaço aberto do ser e com a energia natural que surge a partir desse espaço. (WANGYAL T. , 2019, p. 55)

Então me relaciono com a arte a partir desse local de ser uma praticante, no qual, durante o processo artístico, vou olhar para o que se passa comigo, com minha mente. Quais objetos, formas e imagens escolho para aprofundar o meu processo? A argila e a forma da esfera foram uma escolha para estabelecer uma prática.

Prática é sobre tentar, desenvolver, cultivar, melhorar. A prática conota repetição: praticar, aperfeiçoar. A prática se torna um ritual de vida, atos contínuos de fazer. E sustentar uma prática — não apenas sobreviver nos negócios da arte, mas viver no espaço da arte — significa saber que o processo tem um valor maior que o produto, que o fazer... ou mesmo chegar ao fazer... vai além do que é feito, que a experiência supera a forma material. (Tradução livre de JACOB M.J., 2004, p. 166)

2.1.2 Darma e arte

Darma significa verdade, parte de uma percepção correta da realidade, com calma e frescor, livre de neurose, paixão, agressão e ignorância.

O termo arte do darma não significa arte que retrata símbolos de ideias budistas, como a roda da vida ou a história de Gautama Buda. Em vez disso, a arte do darma se refere à arte que surge a partir de um certo estado de mente do artista que poderia ser chamada de estado meditativo. É uma atitude de franqueza e ausência de autoconsciência no fazer criativo. (Tradução livre de TRUNGPA, 2008, p. 1)

Nesta arte relacionada com o darma, é o estado meditativo que importa, a atitude é central e está relacionada com a elegância, que depende de um estado de mente. O darma visual se baseia na meditação e visão budistas, treinar a mente é a chave. O desejo do artista é de atravessar seus obstáculos para que uma mente com clareza tome conta. Se não desenvolvemos uma atitude apropriada, não há como nos relacionarmos com o mundo de forma adequada. Chogyam Trungpa foi um mestre budista que explorou muito a relação entre arte e budismo.

Envolver-se com o darma visual parece ser bastante direto: trabalhar consigo mesmo, com os outros, consigo mesmo e com os outros ao mesmo tempo. Trabalhar consigo mesmo traz a realização da própria elegância. Trabalhar com os outros significa tentar desenvolver o deleite nos outros. E os dois juntos, elegância e deleite, trazem um sentido básico de riqueza e bondade... um trabalho de arte que traz à tona a bondade e a dignidade da situação. Este parece ser o principal objetivo da arte. (Tradução livre de TRUNGPA, 2008, p. 8)

Leia, contemple e repouse.

Arte envolve se relacionar consigo mesmo e com o mundo com graça, isso envolve não causar agressão, então, é fundamental pensar sobre os efeitos causados no mundo, não poluindo e transmitindo qualidades necessárias e importantes.

Kazuaki Tanahashi, artista japonês, mestre calígrafo, professor e erudito Zen-budista, diz: “Todo grande professor, ou quem quer que esteja numa busca espiritual, pode ser considerado um artista. A arte da contemplação, da prece, da imaginação, da concepção, da expressão e da comunicação.” (BELTRÃO & LEMES, Entrevista Kaz Sensei, 2018, p. 39). Tudo pode ser caminho para o despertar, sendo esse despertar a capacidade de ver o valor infinito de cada momento de sua vida e dos outros seres.

No budismo, o caminho para a iluminação é visto como algo circular, que vai da confusão para a iluminação; na caligrafia Zen, esse círculo é chamado *enso*. Nesse projeto, vamos trabalhar com a tridimensionalidade, produzindo esferas, que é uma forma que se relaciona com o círculo.

Como diz Kazuaki Tanahashi: “O círculo do caminho é um conceito paradoxal, que indica que cada momento de prática contém seu destino final. Não é um estado perfeito, mas cada passo é completo, com perfeição e imperfeição.” (BELTRÃO & LEMES, Entrevista Kaz Sensei, 2018, p. 41)

A prática espiritual pode ajudar a arte a ser verdadeiramente imaginativa, profunda e visionária. A arte pode fortalecer a sabedoria e o amor daqueles que estão em um caminho espiritual. Juntos, a arte e o sagrado podem realizar milagres efetivos. Ao transformarmos consciências individuais, a própria humanidade é ela mesma transformada no caminho de proteger a vida de todos os seres. O que pode ser mais sagrado do que isso? (TANAHASHI, 2018 apud BELTRÃO, 2018, p. 44)

2.1.3 A Mandala das 5 sabedorias

Quando falamos de mandala de sabedoria, é como se partíssemos de um outro referencial de olhar e de ação no mundo, a base que motiva e orienta a ação vem das cinco sabedorias². Quando os trabalhos brotam a partir da perspectiva das 5 sabedorias, isso os unifica com o darma.

Essas cinco sabedorias são os meios hábeis para nos manifestarmos no mundo, e brotam de forma natural, sem esforço. Os bodisatvas veem que todos os meios hábeis e todas as inteligências que manifestam sempre

² As 5 sabedorias são: Acolhimento, generosidade, discernimento, causalidade e transcendência.

estiveram disponíveis. Essas inteligências podem ser caracterizadas como os Budas, como os mestres que sempre estiveram próximos.

A cor azul representa a qualidade de acolhimento. A generosidade, ou disponibilidade para ajudar e potencializar as qualidades dos outros, é representada pela cor amarela. A cor vermelha simboliza o eixo precioso que os bodisatvas oferecem para que as outras pessoas possam dirigir sua prática. A cor verde representa o ensinamento sobre o carma, pelo qual os Budas nos ajudam a amadurecer rapidamente o carma e a transformá-lo em fonte de liberação. A cor branca se traduz pela compreensão daquilo que está além da vida e da morte, aquilo que há de mais elevado em nossa própria natureza. (SAMTEN, Mandala do Lótus, 2006, p. 60)

Figura 1 — Mandala das 5 Sabedorias, pintada no teto do Templo do Centro de Estudos Budistas Bodisatva, Caminho de Meio em Viamão/RS.



Fonte: Site da Escola Caminho do Meio, acesso em 13/08/2021.

As várias mandalas são associadas a diferentes sabedorias búdicas — sempre que temos um Buda, temos uma mandala correspondente, que representa as qualidades daquela sabedoria. O importante é a refundação das aparências, isso é a base da mandala — com isso, vamos transformando o mundo, pois transformamos a forma como vemos o mundo. Mudamos o ambiente, o ambiente é a nossa mente, ele é inseparável de nós, reconhecemos que nossa mente é mais ampla. Precisamos saber quais referenciais estamos utilizando para olhar, sabendo que o foco é a lucidez.

A prática da mandala corresponde a ação e fruição, se temos clareza. Se não temos, ela se torna o caminho, se torna uma forma de treinamento. Praticamos o final do caminho enquanto caminho. (SAMTEN, #01 | Retiro Operação por Mandalas · Compaixão na Ação · 21/08/21 | Sábado Manhã, 2021)

Contemple:

Qual é a sua base? Qual é a sua visão? Quais são os seus sonhos?

As 5 sabedorias inspiram a construção do Projeto Artístico Malas Gigantes. É a partir da mandala que tudo se constrói, com referência nas sabedorias para amparar todo o projeto.

A sabedoria do acolhimento vem no sentido de acolher cada participante, cada um se envolve e oferece seu retorno ao projeto dentro do que pode e se dispõe. O acolhimento se manifesta no pensar uma prática acessível, tanto em relação às técnicas cerâmicas como às técnicas de meditação, ela é pensada como uma experiência contemplativa acessível mesmo para quem não tem uma familiaridade com processos de meditação.

Ao pensarmos no coletivo, vem essa relação de se alegrar com o outro, de ver seu potencial e riqueza na troca. A generosidade permeia a ideia de oferecimento de algo que traga algum benefício. As aulas são oferecidas como um alento para ressignificar o momento de parada em função da pandemia. É o oferecimento da condução contemplativa em relação com a matéria da argila, que possibilita que cada um volte o olhar para a própria mente, suas sensações e percepções.

O discernimento é sobre o conhecimento, relaciona-se ao conhecimento de si mesmo e dos processos cerâmicos, seus tempos, suas qualidades e sua transformação a partir da queima.

A causalidade se relaciona com os resultados e aquilo que temos de retorno a partir do que se faz. Cada participante tem seu próprio retorno pessoal a partir do seu processo, e o grupo recebe a partir do que é trazido de volta ao coletivo.

Com relação às qualidades para além de vida e morte, temos a relação com o fio que une as contas, com o aspecto secreto da existência, que pode não ser visto, mas é onde reside a experiência profunda.

A vacuidade purifica nossa visão e leva-nos ao reconhecimento da pureza original. A visão da mandala é o auge desse processo. O mundo das possibilidades positivas abre-se aos olhos com visão elevada. A ação positiva torna-se possível, lúcida, desimpedida, harmônica, livre de esforço ou contradições.

Mandala é uma palavra muito substanciosa e maravilhosa. O termo de origem indiana provavelmente surgiu na cultura védica. No budismo tibetano, mandala pode referir-se conjuntamente aos meios para ajudar os outros seres e ao modo como esses meios conectam-se com as noções de vacuidade, luminosidade e natureza ilimitada. A noção de mandala permite trabalhar com esses vários níveis de compreensão da realidade de forma integrada. (SAMTEN, Mandala do Lótus, 2006, p. 91)

Vamos trabalhar em todas as ações inspirados nas 5 sabedorias, o que significa:

- entender as pessoas no mundo delas;
- sentir verdadeira satisfação quando as pessoas ficam bem;
- não estarmos presos a fixações;
- evitarmos impulsos que vão produzir sofrimentos;
- purificarmos a visão entendendo o aspecto secreto.

As mandalas tratam de aspectos coletivos, surge a intersubjetividade, podemos nos enganar coletivamente. Como as pessoas podem usar visões elevadas e gerar um intersubjetividade a partir de visões elevadas, e olhar a realidade de modo lúcido e se mover de modo coerente em conjunto. (SAMTEN, O Real e o Ilusório: Conexões entre Budismo e Arte, 2017)

As mandalas podem ser métodos de gestão, a partir de conversas apreciativas, onde vamos perguntar:

- O que anda bem?
- O que pode melhorar?
- O que podemos fazer em conjunto para andar melhor?

Na operação por mandalas, ouvir é uma riqueza, vamos nos enriquecer a partir da multiplicidade de visões. No momento em que os trabalhos brotam a partir da perspectiva das 5 sabedorias, eles se unificam com o darma.

Precisamos refazer os vínculos que nos ligam uns aos outros, com uma capacidade horizontal de conexão, ouvindo cada um sobre o que gosta e como se move — quando isso fica mais claro, surge uma possibilidade de conversa de grupo, com confiança, e, nesse encontro, surge um nascimento coletivo. Vamos falar sobre o que estamos sentindo e o que estamos vivendo.

O mundo está totalmente aberto, mas não vemos essas possibilidades, aqui começamos a atravessar a parede que nos aprisiona. O que poderíamos fazer juntos? O ponto é que cada um se torne luminoso e operativo. Que cada um possa se tornar luminoso em novos grupos. O ponto central é copiar a luminosidade da mente... Gerar uma visão de grupo que se dirija a algo favorável e verdadeiro... O mundo passa a ser visto a partir das 5 sabedorias, e então a mandala começa a se estabilizar como uma visão de grupo. (SAMTEN, #04 | Retiro Operação por Mandalas · Compaixão na Ação · 22/08/21 | Domingo Tarde, 2021)

2.1.4 Budismo e Cultura de Terra Pura

Em uma perspectiva coletiva, o budismo tem como uma de suas funções que possamos trazer benefícios onde estivermos. Usando a compreensão de como as realidades se estabelecem, geramos uma cultura de Terra Pura, com uma nova

estrutura, que aproveita os vínculos e é capaz de sonhar. A Terra Pura é um ambiente agradável, com relações benignas e compassivas em várias direções que nos impulsionam.

As Terras Puras não são as mandalas — na visão de Terra Pura, ainda temos a sensação de alguém vendo alguma coisa, ela tem uma limitação de visão, não tem uma sabedoria búdica de fato. Mas, nas Terras Puras, aperfeiçoamos a nossa visão para superar os obstáculos. O mundo adquire outra feição, não é uma visão comum da realidade, há uma visão de perfeição. Enquanto não há uma lucidez completa, o que experienciamos é a Terra Pura.

A Terra Pura é um ambiente mais favorável, um ambiente sutil mais favorável. Às vezes, a Terra Pura surge como um ambiente grosseiro, mas uma Terra Pura é um ambiente sutil onde um ambiente grosseiro pode se manifestar. A construção dessas realidades é importante.

Ao repousarmos em uma visão mais elevada, produzimos sonhos mais elevados, ajudando uns aos outros. Isso reforça a capacidade de cada um ser o agente da sua realidade, um patrocinador do seu mundo... Então, precisamos entender que o mundo sempre é construído por nossas visões. O mundo é vazio e luminoso! O mundo é o laboratório perfeito para aprofundar nossas compreensões, das nossas mentes, dos seres, do universo. Esse aspecto coletivo é inseparável do aspecto individual; estão todos juntos. (SAMTEN, Avidya coletiva, como desenvolver algum nível de lucidez e uma visão coletiva que substitua a visão da bolha? Como podemos nos movimentar coletivamente, 2018, p. 11)

Podemos ser agentes ativos dos mundos de sonhos que criamos, dessa forma, estamos atuando no nosso mundo exterior, criando imagens e relações que nos ajudem. É desse lugar que nasce o sonho do Projeto Artístico Malas Gigantes. É um oferecimento de aulas e técnicas cerâmicas que leva às pessoas uma oportunidade de se vincularem e se relacionarem, com a matéria e com o grupo. É uma proposta no sentido de propiciar imagens favoráveis para a contemplação, que vão povoar nossa mente e a dos outros que se depararem com ela. O Mala é um objeto que traz as contas conectadas em um eixo, trazendo essa mensagem de conexão. Ao ser produzido coletivamente, traz a questão da autoria coletiva, ao mesmo tempo que é uma imagem que simboliza uma união desse coletivo, firmando a mensagem de estarmos juntos.

Assim são as várias “contas” do processo de nascimento. Podemos começar com pessoas que não estão acolhidas nem por si mesmas. Passamos por diferentes contas, até chegar à etapa de audição de grupo. Então olhamos nossas visões e sonhos em relação a valores positivos. Depois encontramos

projetos e metas práticas de grupos, já filtrados por essas características positivas, e chegamos aos nossos limites práticos. Mais adiante aspiraremos disciplinas espirituais. Elas serão os instrumentos que irão nos ajudar a seguir nossas aspirações positivas. (SAMTEN, Mandala do Lótus, 2006, p. 79)

Que nascimento damos a nós mesmos? Aos nossos familiares, amigos, companheiros de trabalho? Está clara em nossa mente a potencialidade de darmos nascimento positivo? Temos habilidades?

Mesmo que nascidos positivamente, precisamos refinar nossa sabedoria interna, olhar de modo mais direto e verdadeiro para a realidade e ultrapassar os enganos ocultos aos nossos olhos. (SAMTEN, Mandala do Lótus, 2006, p. 80)

2.1.5 O que é um Mala

Um Mala é um colar de contas budista, utilizado para a meditação, com o qual se contam as preces e os mantras que são repetidos. Diversas tradições possuem colares semelhantes, também utilizados para esse fim. O Mala tem 108 contas, considerado um número auspicioso. Mas também pode ser montado com suas subdivisões, tendo 54 ou 27 contas, por exemplo. A palavra Mantra significa instrumento do pensamento, considerada uma poderosa ferramenta para acalmar, centrar e curar a mente. O fio que une as contas simboliza a conexão entre tudo o que existe, é o eixo transcendente, representa nossa possibilidade de transformação, representa o caminho para chegarmos no conhecimento da nossa sabedoria interna. As contas representam os meios hábeis, a forma como atuamos e nos posicionamos nas diversas atividades da vida, sendo que todas elas estão conectadas ao mesmo fio.

Os símbolos positivos protegem a mente: as imagens sagradas que temos em casa, as contas de oração (*mala*) que carregamos conosco, as preces ou mantras que recitamos. Eles mantêm a mente voltada para o sagrado. (WANGYAL T. , 2017, p. 136)

Figura 2 — Dois Malas com 108 contas cada.



Fonte: Mariana Wartchow (2020).

Sinta a quietude no corpo, sinta a respiração fluindo e o silêncio, sinta a mente presente com espaço e vivacidade.

Quando utilizamos um Mala, os dedos percorrem as contas, e esse movimento atua na mente, ajudando-a a estar presente e calma. Essa conexão entre corpo, energia e mente se estabelece.

Nesse projeto, além de pensar a manualidade de percorrer as contas com os dedos, manualmente, fazemos cada esfera — há um tempo e dedicação no surgir de cada esfera, mãos podem percorrer elas posteriormente, mas cada uma já vem carregada de uma história pessoal e de conexão.

2.1.6 Relação entre o fazer cerâmico e a mente

Ao manipular a argila, estamos em contato com um elemento da natureza, que por si já traz um efeito calmante sobre a mente. Quando pensamos em utilizar o fazer cerâmico como ferramenta para a mente, estamos nos relacionando com a matéria de forma a trazer dessa interação uma qualidade mental. A contemplação é algo com que precisamos nos familiarizar e praticar, contemplar não é algo que vem naturalmente na nossa cultura, precisamos aprender a exercitar e dar tempo para esse olhar.

O budismo apresenta técnicas como a de *shamata*, que é a permanência calma focada em uma única direção, para exercitar parar o fluxo de respostas automáticas. Pensando nessa parada e nesse espaço para que a contemplação surja, técnicas de cerâmica podem ser de grande valia, como suporte para criar um foco que pode permitir e ajudar a observar a mente, a ocupação das mãos traz presença e uma certa quietude para o resto do corpo. Em especial quando se repete uma forma — essa repetição cria uma qualidade na mente, o corpo está engajado, presente, há um espaço para a mente estar presente, mas com um relaxamento e uma amplitude. É desse espaço amplo que a criação também surge — por isso, cada peça, mesmo partindo de uma forma básica comum, pode ter diferentes manifestações, diferentes acabamentos e ir ficando cada vez mais sofisticada.

2.1.7 Instalação Grandes Árvores Meditantes

Em 2018, foi montada a Instalação “Grandes Árvores Meditantes”, em frente ao templo Budista do Centro de Estudos Budistas Bodisatva Caminho do Meio, em

Viamão/RS. Nessa instalação, um Mala com contas feitas de cerâmica envolve o tronco de uma grande paineira.

Um objeto relacionado com a meditação é disposto junto a uma árvore centenária, que está há tanto tempo em um mesmo lugar, trazendo benefícios ao ambiente e aos seres que por ali circulam e moram. É fonte de alimento, moradia, nutrição para o solo, sombra, contribui para a qualidade do ar, oferece suas flores e frutos, beneficia seu ambiente de forma ampla.

A obra busca a conexão e visão do aspecto espiritual na natureza, trazendo a importância de relembrarmos e olharmos com o devido cuidado, atenção e respeito para essas grandes árvores, e tudo o que perdemos e privamos a nós mesmos e às futuras gerações ao não cuidarmos dessa natureza.

Figura 3 — Templo Budista do Centro de Estudos Budistas Bodisatva e paineira com Mala de contas cerâmicas da instalação “Grandes Árvores Meditantes”, 2018, Viamão/RS.



Fonte: Mariana Wartchow (2018).

2.2 CERÂMICA, MANUALIDADES, EXPERIÊNCIA E EDUCAÇÃO

Pensar no ensino que se volta para o fazer manual, tem o fazer como uma experiência, que, a cada vez, é única e diferente para cada um. Uma atividade de

ensino que se volta para esta prática busca também resgatar um outro tempo, voltado para o sentir e para a relação de aprender pela experiência.

Não é que tenhamos perdido as mãos, mas sim que nos foram cortadas, não é que tenhamos perdido os gestos (e as maneiras), mas sim que tenham sido ignorados e menosprezados; não é que tenhamos perdido a língua, mas sim que nos ensinaram a falar em uma que não é a nossa. Por essa razão, repensar a vocação através do desvio do artesanato, das mãos e das maneiras, pode talvez servir para reivindicar a dignidade (talvez irremediavelmente perdida) do ofício do professor, para sugerir que se pode pensar (e fazer) de outra maneira ou, pelo menos, para lembrar que talvez o que nos é dado como natural e necessário não seja nada mais do que aquilo que nos foi imposto e que ainda nos é imposto, na maioria das vezes, é claro, com a nossa colaboração entusiasta. (LARROSA J. , 2018, p. 42)

Minha proposta é no sentido da experiência, do sentir, do se conectar com o que se passa em nós. A experiência por meio da arte, como um mergulho em si mesmo, no qual trânsitos internos acontecem e algo pode sair de forma viva e potente para nossas vidas.

A experiência, a possibilidade de que algo nos aconteça ou nos toque, requer um gesto de interrupção, um gesto que é quase impossível nos tempos que correm: requer parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar, e escutar mais devagar; parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar aos outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço. (LARROSA J. B., 2002, p. 24)

Se a experiência não é o que acontece, mas o que nos acontece, duas pessoas, ainda que enfrentem o mesmo acontecimento, não fazem a mesma experiência. O acontecimento é comum, mas a experiência é para cada qual sua, singular e de alguma maneira impossível de ser repetida. O saber da experiência é um saber que não pode separar-se do indivíduo concreto em quem encarna. (LARROSA J. B., 2002, p. 27)

A experiência será única para cada um, em cada vez que repetir o processo, porque mesmo que a proposta seja repetitiva, a cada vez que ela é executada, é diferente enquanto experiência. O convite da prática é de parar, parar para olhar a si mesmo com o suporte da matéria para ajudar a nos segurar nessa parada. A ação consciente é o oposto do automatismo, e ela precisa ser praticada para se tornar cada vez mais natural.

Quando penso em educação, penso em experiência marcante, que nos traz a percepção da nossa própria potência. Isso pode acontecer em ambientes formais de educação, mas, também, em situações não formais. Penso estas últimas como ainda

mais potentes, pois são mais livres, sem conteúdos que precisam ser cumpridos. A necessidade de cumprir com tarefas nos desconecta daquilo que pulsa. Logo, encontrar a pulsão interna é o que mais interessa.

Segure um objeto, sinta sua forma, temperatura e textura, se mantenha presente observando o sentido do tato. Não julgue, não elabore, apenas observe. Qual é o espaço surge na sua mente?

Como artista, eu me vejo como uma propositora, para que processos aconteçam, muitas vezes além do que eu poderia imaginar inicialmente. A proposição vai no sentido de acordar esse corpo-mente-emoção que vibra e pulsa. Essa é sua natureza. A partir de uma proposta que pode ser guiada, outras respostas podem surgir, e isso amplia as possibilidades do projeto.

2.2.1 Projeto Artístico Malas Gigantes

Primeiramente, o Projeto artístico Mala Gigante foi pensado em formato de vivências presenciais. Com as questões de isolamento trazidas pela pandemia, idealizou-se um novo formato, com aulas via vídeos no YouTube, podendo atingir públicos de diversas cidades e Estados do Brasil. O formato das aulas é pensado para ser acompanhado tanto por quem já tem experiência com cerâmica como por quem não a tem.

As aulas são divididas em 4 partes: como fazer esferas de argila, acabamentos, queimas, montagem do Mala. Um vídeo de apresentação do projeto foi produzido, com as principais informações e convite para a inscrição e participação³.

A primeira parte, relacionada com a produção das esferas de cerâmica, que serão as contas dos Malas, é individual, cada um pode fazer na sua casa, respeitando o isolamento. O processo de fazer as esferas é visto como uma possibilidade de prática, para olhar a si mesmo, cada esfera sendo única, mas o repetir e fazer diversas vezes a mesma coisa tem um efeito na mente. Esse aspecto interessa neste projeto.

A simbologia da esfera está relacionada com a vida, o universo, a criação, também simboliza o si mesmo, a própria existência. Então existe uma riqueza na prática repetida de fazer esferas, trazendo um olhar para si mesmo, e percebendo cada uma como única, cada processo único. Em um momento em que precisamos estar consigo mesmos, a prática na matéria densa pode ajudar a mente a se ver e se processar nessa caminhada.

Nos vídeos, é explicado como fazer as esferas⁴ a partir de uma bola de argila que vai ser moldada como um pote e depois vai aumentando com argila sendo acrescentada e, por fim, ela é fechada, tendo seu interior oco. Depois de fechada, a

³ https://youtu.be/9o3cgjbi_7M

⁴ https://youtu.be/6_Xfi8GgLnM

peça é manipulada até ficar redonda como uma esfera, e o ar preso no seu interior ajuda a sustentar a parte interna. As esferas menores chegam a ter cerca de 4 cm de diâmetro, as maiores chegam a cerca de 10 cm de diâmetro. Em média, a maioria das esferas têm cerca de 7 cm de diâmetro.

O tamanho não vai poder ser muito maior, pois a proposta é de que as esferas sejam feitas nas próprias mãos, sem a utilização de formas ou outras estruturas que aumentariam a complexidade do processo. Fazer todo o processo utilizando apenas as mãos também interessa, pois traz uma relação íntima com a matéria sem necessitar de outras ferramentas, o que é um contraponto a uma cultura materialista. Bastam mãos e argila para manifestar coisas incríveis. O furo por onde vai passar o fio pode ser feito com um palito ou lápis, sendo que ele não é feito em um primeiro momento, e sim durante o processo de acabamento, quando a argila já está mais firme.

Há uma ampla possibilidade de acabamentos. Os primeiros vídeos foram gravados trazendo alguns exemplos⁵, posteriormente, os vídeos seguiram em formato de *live*, podendo contar com alguns participantes e suas questões, bem como com a ideia de fazer juntos, de praticar juntos. As conversas passaram a trazer um convite à contemplação, juntamente com a exploração das técnicas e partilhas de experiências pessoais. As *lives* passaram a se chamar “Arte e espiritualidade”⁶, leituras e citações que alimentam o projeto também foram compartilhadas. Entre as técnicas abordadas, temos a mistura de argilas de cores diferentes, o polimento, a impressão de plantas, os recortes, os desenhos de mandalas, os carimbos e os engobes.

⁵ <https://youtu.be/HdhOiaAd2E>
<https://youtu.be/u1h0eekfmPE>

⁶ <https://youtu.be/V9cVOA4sMaE>
https://youtu.be/i7PpyqvW_B8
<https://youtu.be/gt5EXkqpCEs>
<https://youtu.be/axDGvj0A7jI>
<https://youtu.be/D-i-3cluovE>
<https://youtu.be/u7Oc8YULnVc>
<https://youtu.be/gQdw2wKIBMA>
<https://youtu.be/3NHAD6TZVyY>
https://youtu.be/_X_pvG1m118
<https://youtu.be/18nLZANOYvU>
<https://youtu.be/GGHI-Vh7VMo>

Figuras 4 e 5 — Detalhe das esferas de argila do Mala da Instalação Grandes Árvores Meditantes, 2018.



Fonte: Mariana Wartchow (2018).

Existem muitas possibilidades de acabamentos para cada esfera, isso traz inúmeras caras para objetos que, em princípio, são semelhantes. Novamente, podemos olhar para isso e para as nossas inúmeras identidades que se manifestam ao longo da vida. Muitas técnicas de cerâmica foram exploradas, como expressão ou como aprendizado.

Figura 6 — Esferas produzidas para as aulas, com diversos acabamentos.



Fonte: Mariana Wartchow (2020).

Existe a possibilidade de fazer as esferas em casa, na presença de crianças, a argila costuma lhes atrair, e elas podem aprender a fazer bolinhas e esferas maiores conforme seu interesse. Esse pode ser um momento rico de troca e convivência significativa nas famílias, com um olhar sobre a educação no contexto doméstico.

Figuras 7 e 8 — Registro de criança participando na produção de esferas de argila.



Fonte: Mariana Wartchow, 2020.

Esse momento de produção das esferas tem um tempo expandido dentro do projeto, para que haja tempo para que muitas esferas sejam feitas e um número grande de pessoas entre em contato com o projeto e participe. A ideia é vivenciar esse processo com calma, para que ele seja realmente aproveitado enquanto prática espiritual.

A queima é uma parte muito importante, responsável pela transformação da argila em cerâmica. Esse processo de transformação também pode ser olhado de forma simbólica, uma vez que se olha a transformação pessoal durante o processo artístico. Neste projeto, algumas pessoas podem ter forno cerâmico para a queima, já outras, não. Pensando nisso, uma das aulas disponíveis será sobre queima artesanal, utilizando lata e serragem, sendo uma queima de baixo custo, fácil e segura. Além disso, a queima artesanal possibilita manchas e efeitos provocados pelo contato com o fogo e a fumaça.

Sobre as queimas artesanais, houve uma *live* de conversa e um vídeo com toda a orientação e montagem para a queima em lata com serragem⁷. Essa queima foi escolhida em função da fácil montagem, fácil transporte e acessibilidade dos materiais. É uma queima de baixa temperatura para cerâmica, ficando em torno de 600 ou 700°C, o suficiente neste projeto.

Para finalizar o Mala, foi construída uma peça que simboliza três aspectos: visão, meditação e ação, ou corpo, fala e mente, ou o externo, interno e secreto. Essa peça será como três esferas unidas com uma abertura para dar o nó final e esconder o fio⁸.

O fio antes de ser utilizado para montar o Mala foi trazido como conteúdo para reflexões enquanto utilizado para marcar algumas esferas por fora⁹, como ideia de acabamento, já conectada ao processo subsequente de montagem.

A reflexão sobre os aspectos simbólicos do fio e da esfera acompanham o processo no sentido de uma condução para uma reflexão profunda de si e da relação com o mundo. A prática do fazer manual traz a mente para os sentidos, especialmente o tato, mas, ao mesmo tempo, libera a mente para ir além, utilizando a parada provocada pelo processo como fonte de espaço. Ao fazer as esferas ou ao fazer a

⁷ <https://youtu.be/MQ7deEXdSLk>
<https://youtu.be/LA4S212toJM>

⁸ <https://youtu.be/Echa4bOnEWg>

⁹ https://youtu.be/Lqh7K_Fu3nk

montagem, há um convite para uma prática, para um ritual — como artista, vejo esse processo se aproximar de uma *performance*, em uma relação com a mente e com o momento presente.

Como o tempo foi passando e as condições da pandemia não permitiam um encontro coletivo, um primeiro Mala foi montado individualmente, com esferas de vários participantes, e a montagem foi transmitida com o convite para que as pessoas se conectassem com a prática de montar o Mala e procurassem montar também com as contas que tivessem disponíveis¹⁰.

A artista Coreana Kimsooja traz muitos aspectos que se relacionaram com as minhas reflexões e pulsões na construção deste projeto, aproximando arte, vida e espiritualidade, também na relação com o fazer artístico como ferramenta para autoconhecimento e conhecimento do mundo que nos rodeia, pensando nas propostas como algo que leve a quem se envolver com o projeto a sentir a matéria e também o momento transcendental em suas mentes. O mais importante é o significado que se ganha e a consciência experimentada enquanto seres humanos.

Vejo no trabalho dela essa relação simbólica acontecer — a partir de algo simples e rotineiro como a costura, ela estabelece toda uma reflexão sobre o fio e a agulha, que levam a construção de *performances* como *A needle Woman* (1999-2000).

Eu considero meu corpo como uma agulha que tece diferentes pessoas, sociedades e culturas juntas apenas por estar parada de pé. Invertendo a noção de *performance*, por me manter fixa dentro da multidão, meu corpo como um barômetro, mostrando mais por não fazer nada. A agulha é evidente, entretanto, também é ambígua: andrógua, mantendo contradições internas. A agulha funciona só como meio; ela nunca permanece no lugar e desaparece no final. Ela apenas deixa traços, conectando ou ajudando as coisas. (Tradução livre de KIMSOOJA, 2004, p. 215)

No Projeto Artístico Malas Gigantes, não utilizamos agulhas, mas a ideia de conectar pessoas, mentes, processos, culturas e sociedade se dá pelo fio conectando cada esfera única, que passou pela mão de alguém, que carrega o tempo e a memória de uma prática, carrega individualidades e identidades, mas forma o coletivo, conectado, em relação consigo e com o mundo.

Para mim, a coisa mais importante a surgir a partir dessas *performances* é a minha própria experiência de mim mesma e da consciência desperta. É assim que eu continuo a perguntar questões cada vez mais profundas para o mundo

¹⁰ <https://youtu.be/l3vaqNsQXnY>

e para mim mesma. Essa é a iluminação que encontro ao fazer esse tipo de *performance*. (Tradução livre de KIMSOOJA, 2004, p. 217)

Ter o objetivo de fazer questões cada vez mais profundas e trazer a consciência desperta durante o processo é o que me move. O termo *performance* se aproxima, durante a condução, ao de uma professora ou praticante. Quem participa também performa ao mergulhar na sua própria prática. Cada gesto é uma oportunidade de *performance*, uma vez que se traz um olhar atento e presente durante o fazer, bem como a própria presença desperta, quieta, silenciosa e com espaço.

Kimsooja fez sua primeira instalação interativa (*Archive of Mind*, 2016) também utilizando esferas de argila — nela, os visitantes eram convidados a formar bolas de argila e as colocar sobre uma grande mesa. Toda instalação foi construída para uma experiência meditativa e até mesmo espiritual.

Figura 9 — “*Archieve of Mind*” da artista coreana Kimsooja no Salem’s Peabody Essex Museum, 20 de julho, 2019.



Fonte: <https://gregcookland.com/wonderland/2019/11/23/kimsooja/>

No início, você sente muito a argila fria em sua mão, é muito tátil e física. E uma vez que você a acaricia e a abraça em uma esfera, focada naquela ação, há um momento em que sua mente está de certa forma ausente, e esse material quase se torna um vazio, e você não sente mais a materialidade. Eu realmente queria que meu público sentisse o barro e sentisse a materialidade em suas mãos como fazer uma trouxa, mas, ao mesmo tempo, sentir o momento transcendente em suas mentes. (BLOOMBERG, 2017)

Figura 10 — Kimsooja, “*Archive of Mind*”, 2017.



Fonte: <https://www.aaa-a.org/events/kimsooja-archive-of-mind/> imagem de: Jean- Pierre Gabriel. Courtesy of Axel Vervoordt Gallery and Kimsooja Studio.

O título da obra “Arquivos da mente” é sobre aqueles momentos para sempre congelados nas bolas de argila acabadas. Também trago as esferas de argila para criar esse momento de olhar para a própria mente, a técnica que utilizo é diferente, pois ensino a fazer esferas ocas, pensando na continuidade do processo, possibilitando transformar a argila em cerâmica e com o planejamento de uma ou mais instalações a partir dessa produção que pode vir de muitas pessoas.

Fazer arte para mim é uma maneira de compreender a mim mesma e ao outro e a mim mesma e ao mundo ao meu redor, especialmente nesta era de perturbação e violência, muitas vezes me sinto impotente, mas ainda acredito na cultura da arte e do espírito e da verdade no mundo, que é o oxigênio da nossa vida, que permite para nós estar aqui e agora.

Viver como uma artista é como respirar para mim, cada coisa que vejo, cada coisa que experimento como um ser humano, é uma questão como artista, que evolui para uma questão artística e é uma forma de viver existencial para mim, então se não fosse a arte eu poderia ter sido também uma pessoa religiosa, mas escolho meu caminho como artista e questionadora, e o significado que eu ganho com cada projeto e o bem-estar que ganho com ele como ser humano é a coisa mais importante para mim. (BLOOMBERG, 2017)

Percebo muita conexão entre as falas da artista Kimsooja e o que me move, sobre a questão existencial e os questionamentos que são levados para a arte como meio de processamento. Ao mesmo tempo, o benefício que sinto na compreensão de

mim mesma e em relação aos outros e ao mundo é algo que se torna um conteúdo para partilha e um campo de experimentação, no qual quem participa pode experimentar os benefícios também. Ter como centrais e importantes os significados e bem-estar que cada um carrega, eu tenho meu processo, e ele é especial para mim. Mas cada um vai ter o seu próprio processo e percepção daquilo que lhe toca, então gosto de ampliar o olhar e todas as possibilidades a partir das relações e do coletivo.

Trago também o artista Jorge Menna Barreto, com a obra Con-Fio, por seu caráter participativo, na qual tijolinhos com as sílabas Con e Fio eram distribuídas primeiramente com os dois tijolos formando a palavra confio, estabelecendo uma rede juntamente com essa palavra, que vem do verbo confiar. Depois os tijolinhos foram distribuídos separadamente, ampliando a rede, onde cada um levava parte de uma palavra que se completaria com o tijolo de outra pessoa. Para mim, confiar se relaciona com entrega, cada participante que se relacionou com o Projeto Malas Gigantes confiou no processo, há entrega e troca em uma participação. E então vem a palavra “fio”, tão simbólica no nosso projeto, sendo o aspecto secreto que nos une. Há um fio condutor e um fio integrador que costura uma coletividade.

O jogo com o verbo confiar — conjugado na primeira pessoa do singular — também é importante para realçar o caráter afetivo dessas relações, assim como revelar o fio, a partir da quebra da palavra, contida na sua formação. (BARRETO, 2007, p. 47)

A artista Paola Zordan desenvolve uma obra participativa, na qual um fio contínuo é preenchido por contas diversas, acompanhando reflexões sobre a palavra “conta” e as possibilidades de construções tridimensionais com esse longo fio.

Ações em conta, contas em ação, as quais brincam com a amplitude do que vem a ser “contar”, constituindo uma obra cuja ação envolve contar tanto como partilha de experiência como a contagem numérica. (ZORDAN, s.d.)

No presente trabalho, as contas entram como elemento de contagem, em uma obra com um número definido de contas, justamente pela função de ajudar a contar. Cada conta é vista como possibilidade de experiência, e, na partilha do que vivemos neste processo, contamos uns aos outros sobre o que vivemos e sobre o que as contas nos ajudaram a ver. Ao colocarmos elas no fio de forma coletiva, unimos contas, contações e contamos muitas vezes para acertar sua quantidade.

2.3 SOBRE O MÉTODO PARTICIPATIVO E COLABORATIVO

Se nos voltarmos à genealogia do vocábulo participar, encontraremos sua origem na palavra latina *participare* (*part+cipere*) e *participatio* (*part+cipatio*), a qual remete à noção de parte, ser parte de, e *cipere* ou *cipatio*, agarrar, tomar como uma ação voluntária que implica uma decisão de fazer parte de algo. Entretanto, fazer parte não significa pactuar em um sentido de estar de acordo ou de ter objetivos comuns. Pode-se participar de algo sem concordância em relação ao que é proposto. Apesar de muitas vezes serem usadas como sinônimos, participar não é o mesmo que colaborar. Esta vem do latim *co-laborare*, *laborare*, significando trabalhar e a palavra está associada à condição coletiva dada pelo prefixo *co* — juntos, com, ou seja, trabalha-se junto na realização de algo. Podem-se considerar práticas colaborativas aquelas norteadas por objetivos e processos nos quais os envolvidos atuam conjuntamente, em concordância com o que é proposto. (BRAGA & ZANATTA, 2018)

Há dois aspectos no método, a participação e a colaboração, e elas se assemelham, porém, são distintas. Vejo que podem ser como duas fases do presente projeto, algumas pessoas podem participar, mas seu envolvimento pode não chegar à colaboração. A colaboração envolve um esforço maior, envolve trabalhar juntos. Nesse trabalho conjunto, também teremos diferentes níveis de trabalho dos participantes, pois fica em aberto o quanto cada um quer e pode trabalhar pelo projeto. Há uma abertura para se relacionar com o que cada um pode oferecer e com o envolvimento do seu processo interno. Alguns podem fazer muitas esferas, outros poucas, mas não há julgamento nesse sentido, e sim valorização da experiência de cada um.

No panorama das poéticas realizadas conjuntamente, contraponto aos posicionamentos individualizados, a prática colaborativa tem sido supervalorizada em vários aspectos. Um deles refere-se a discursos nos quais fica subentendido que a metodologia colaborativa oportunizaria relações menos hierarquizadas, mais democráticas, horizontalizadas e representativas. Todavia, nem sempre colaboração e desierarquização andam de mãos dadas. Frequentemente, na prática colaborativa, diferentes partícipes têm posições bem diferenciadas uns dos outros. (ZANATTA, 2019, p. 201)

Com base no texto sobre metodologia colaborativa de Cláudia Vicari Zanatta, os participantes desse projeto possuem liberdade para fazerem suas esferas da forma como quiserem, desde que sejam esferas. A montagem terá seu local decidido em grupo e será feita coletivamente, mas serão montados Malas, respeitando uma quantidade de contas e a finalização característica.

Há uma grande diferença entre colaboração e colaboração ativa no sentido de os partícipes poderem interferir e contribuir nos processos que se

desenvolvem nas poéticas. Em práticas colaborativas que atuam mediante caminhos processuais (entendidos aqui como situações que permitem aberturas e participação criativa dos colaboradores nas decisões sobre os modos, formatos e rumos das propostas), percebe-se que a própria articulação da colaboração passa a ser 'autopoiética', ao inventar arranjos próprios e organizações, quer sejam temporárias, quer sejam permanentes, muitas vezes de modo experimental. Digamos que, nas relações processuais abertas, pouco está dado, frequentemente nem o papel do artista está definido; funções e determinações surgem ao longo do caminho. Ou seja, a metodologia da prática colaborativa entendida não como um *a priori*, mas algo a ser elaborado ao longo dos processos de criação e de negociação entre os partícipes. (ZANATTA, 2019, p. 208)

É feito um convite para uma prática, com uma forma e um objeto a ser feito como suporte para ela, mas cada um traz a sua expressão e colabora para que a montagem coletiva aconteça. Então não é uma proposta na qual tudo vem pronto, mas também nem tudo está em aberto. O foco maior não está no resultado produzido, e sim no processo e na oportunidade de prática para cada um. A instalação é um marco desse processo e algo que pode nos ajudar a lembrar e manter viva essa memória.

“O problema básico do esforço artístico é separar o artista do público e então procurar mandar uma mensagem de um para o outro... Na arte meditativa, o artista incorpora tanto o espectador quanto o criador das obras.” Esta ideia, formulada pelo professor budista tibetano Chogyam Trungpa, é instintivamente entendida por artistas que trabalham dentro de comunidades, cruzando linhas entre os conceitos de artista ou não-artista, profissional ou não-profissional. A ideia algumas vezes se manifesta nas maneiras como os artistas criativamente interagem como coletivos ou colaborativos, evitando a autoria individual (isso exige muita prática) e permite o surgimento de ideias que nunca poderiam ter surgido de um único indivíduo. E é realizado pelos artistas que trabalham nas chamadas práticas híbridas, através e entre a mídia e os materiais, bem como a intersecção de disciplinas e campos além das artes. Ao trazer outros para o processo da mente de não saber, os artistas sustentam a presença de outros no espaço da produção artística. (Tradução livre de JACOB, 2004, p. 168)

2.4 RELATOS

Recebi alguns relatos dos participantes, onde impactos e desdobramentos do projeto podem ser percebidos. Muitas vezes, outras pessoas da família e amigos acabaram se envolvendo com a produção, portanto, além dos participantes inscritos, sei que temos outras pessoas que se envolveram, e isso foi mais um gerador de alegria. O projeto foi se desenvolvendo como uma semente, crescendo, dando frutos a partir do processo de cada um, e isso alimentou outros na sua volta. É interessante perceber os diversos níveis e camadas afetados, algo aparentemente simples, que se

faz na matéria densa, mas que parte de um lugar sutil, tem a capacidade de tocar o sutil no outro, mesmo que não se fale sobre isso.

Figura 11 — Esferas de participantes.



Fonte: Participante A, 2021.

Optou-se pela indicação com letras para a não identificação dos participantes nos seus relatos e suas fotos.

A primeira impressão foi de que talvez eu não fosse capaz de produzir, adiei um pouco para ver se eu me organizava, adquirir a argila e começar, acompanhava as lives e fazia junto, me senti muito potencializada, muito acompanhada. Esse período da pandemia deixou um espaço, um vazio, uma sensação de que a gente tinha que ocupar com alguma coisa que fizesse muito sentido, e eu percebi que isso estava trazendo muito sentido para mim e para a nossa casa, porque o Álvaro também se envolveu rapidamente no trabalho. A sensação dos excessos, começar a fazer e não conseguir parar e se deparar com as próprias dificuldades pessoais, de que muitas vezes me vi assim frente à vida, não sabendo o limite de parar...

Eu me vi muitas vezes na esfera, eu mesma estava na esfera, numa esfera deformada, às vezes pesada, buscava uma forma, uma harmonia e uma beleza. E uma dificuldade de fazer a marcação, um próprio sofrimento “Quem sou eu marcando essa esfera?”, como se nada pudesse me representar porque nada estava tão bom. Isso voltou, o que eu mesma sentia de mim e meu deu essa possibilidade de autoconhecimento, que eu já sabia, porém, ficou materializado na minha frente, eu com aquele material macio, moldável, com a possibilidade de ser refeito, ele me olhou, me desafiou e me mostrou muito de mim, de buscar uma coisa que eu não era, de uma perfeição que eu não tinha, de um excesso de perfeição, de exigência... foi um processo que trouxe dor no ombro, nas mãos... mesmo em

dias frios, gelados e úmidos, eu queria trabalhar... me pegou por completo, e eu gostei muito quando eu consegui colocar o limite de quanto que eu ia fazer, isso me ajudou na minha própria vida, a traçar mais planos concretos. E eu percebi qual era a exigência minha de marcação, para quem que era essa exigência... eu queria só começar a fazer parte. Foi uma companhia, foi uma reflexão, foi um autoconhecimento, foi uma diminuição da inquietude naquele tempo e foi um prazer, um prazer de ver algo bonito, belo, algo que era molhado daqui a pouco estava de outro jeito, fantástico! Fiz várias experiências...

De perceber as formas da natureza gravadas na esfera... Saí pelo parque e pelas ruas e ter um olhar que não era mais o comum, era um olhar para tudo que é muito minucioso, muito delicado, muito pequeno e chegar em casa e ver aquilo grandioso, acho que foi uma terapia.

Também acompanhar algumas palestras do cebb me fez muito bem, e ter a consciência de que eu estava nesse processo, de sentir que esse tempo de estar em casa, que tinha que ser de reclusão, mas o barro não me deixava em reclusão, começou a me exigir mais...

Me tornei mais segura, mais capaz e potencializada como ser humano, acho que fiquei mais aterrada.

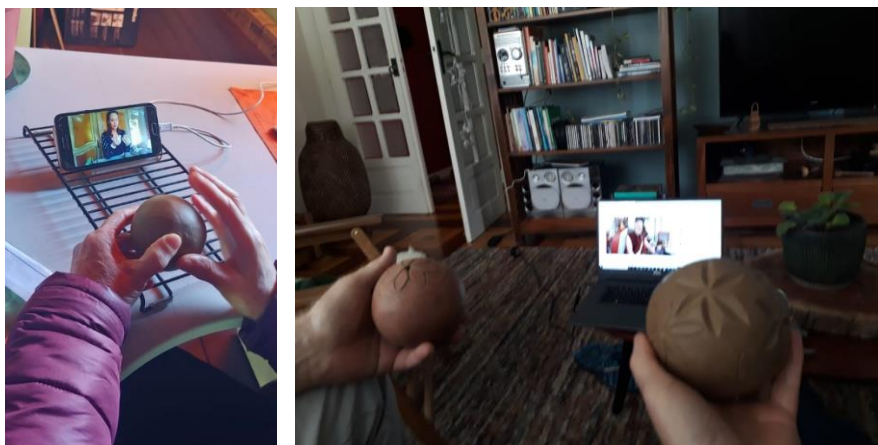
Muitas vezes quando não estava bem eu dizia: vamos fazer pelo menos uma esfera antes de deitar e isso era muito bom. No outro dia já queria levantar cedo para marcar a esfera.

Foi terapêutico, foi uma intermediação para procurarmos outras coisas... tínhamos que procurar um espaço maior com terra para poder plantar e mexer todos os dias... a gente chegou nessa relação pela intermediação do trabalho com a argila, nos apontou um caminho certamente.

Na nossa casa um amparou o outro e a argila nos amparou.

(Participante A)

Figuras 12 e 13 — Fazendo esferas acompanhando as aulas do projeto e retiro com Lama Padma Samten.



Fonte: Participante A, 2020.

A princípio, não imaginava poder lidar com a elaboração de uma esfera de argila, dar forma, concebê-la oca e, ainda por cima, marcá-la. Nunca tive qualquer experiência desse tipo. O mais próximo que tive foi acompanhar crianças e nossa filha com massinha de modelagem. Ou dar formato em massa de biscoitos. Eu me via totalmente incapaz.

Acompanhei, porém, o fazer de minha esposa, seu encantamento e todo o processo. Fui, muitas vezes, convidado por ela. Sempre dei a mesma resposta: isso não é pra mim.

Um dia experimentei. Fui-me descobrindo e tendo prazer em lidar com o barro. Ver diversas maneiras de dar forma. Claro que em experimentos houve argila demais. Paredes grossas e contas de japamala muito pesadas. O gosto, o prazer que foi surgindo permitiu, contudo, ir melhorando. Não apenas a conversa com a esposa, mas também o acompanhamento das lives de Mariana e as trocas em vídeo conferência foram muito importantes. Soube dar valor, principalmente por ter tido o contato com o barro, os barros.

Escolher o barro, dar forma esférica, seguir os passos de paciência para a secagem, o melhor momento de marcar, sugestões de marca, uso de objetos da natureza, descobrir ferramentas, dar brilho, Um universo, pequeno, mas um universo. Também porque o processo vai interagindo com o interior da gente. A lentidão permite processos de meditar. É como se permitisse junto ao fazer, também dar forma a sensações e sentimentos. Refletir sobre o cotidiano sem o atropelo das ansiedades.

A gente pode compreender que assim como o barro tem sua consistência, as coisas que nos envolvem, os fatos, as situações, também. Sendo possível conviver, usufruir e sentir-se junto. Agradeço demais a oportunidade de ter participado.

(Participante B)

Figuras 14 e 15 — Esferas de participantes.



Fonte: Participante A, 2021

Participar do Projeto Malas Gigantes está sendo uma alegria enorme. Sou praticante budista e tenho buscado na arte um caminho para a espiritualidade. E o projeto Malas Gigantes reúne as duas coisas: arte e espiritualidade. Fazer as contas que se transformarão num Mala Gigante feito por muitas mãos tem um significado muito especial, e me proporcionou momentos de pura meditação, de estar no momento presente, entrar em contato com a essência luminosa, a mente que cria formas através da terra, da água, do ar, do fogo, e do espaço. Esferas cheias de vazio. Vazio cheio de forma. Contas que se unem através de um fio, uma após a outra, como o tecido de um sonho. Que os Malas Gigantes alegrem os Budas e tragam benefícios a todos os seres! Gratidão Mariana, pela oportunidade de participar deste Projeto.

(Participante C)

Figura 16 — Esferas de participante realizadas com a participação da família.



Fonte: Participante D, 2021.

Fazer as esferas, para o Projeto Malas Gigantes, idealizado por Mariana Wartchow, foi um presente e um bálsamo em meio à toda paralisação e distanciamento pelo qual passamos.

Durante o período do projeto Malas Gigantes, tivemos momentos bons, de introspecção e delicados com trocas de informações e de conhecimentos orientados por Mariana, a quem agradeço!!!

No início, pensamos que 108 bolas era um número muito alto e que não iríamos conseguir fazer... mas, dia a dia, as bolas foram sendo feitas em vários tamanhos, várias cores de argila e todas queimadas em forno elétrico e, no final, passamos deste número, chegamos a 132 bolas.

As bolas foram sendo feitas uma a uma, em dado momento, pensamos que toda família poderia participar... inclusive as crianças... foi muito especial, foi um momento de aproximação.

As bolas eram feitas e enviadas em ponto de couro para as crianças e adultos desenharem.

Cada bola recebida de volta era como se fosse uma carta com sua mensagem... todos fizeram os mais variados desenhos... desenhos aleatórios, desenhos de coisas que gostam, coisas que estavam no seu ambiente... coisas engraçadas... teve de tudo...

Com uma pequena parte das bolas montamos um totem no jardim de meu irmão. Estamos pesquisando e nos programando para fazer a instalação do nosso mala até o final de 2021.

(Participante D)

Figura 17 — Colar instalado por uma participante.



Fonte: Participante E, 2021.

Depois de quase 1 ano fazendo as esferas do projeto artístico Malas Gigantes, consegui enfim reunir a coragem e desprendimento para queimar as peças. Já havia repassado algumas para a Mari, mas essas eu queria estar junto do fogo com elas. Numa noite não tão fria de junho, fizemos uma fogueira e aproveitei para queimar as esferas. Pesquisei um pouco sobre queimas artesanais e me conectei com uma breve resenha sobre queima de cerâmica em fogueira aberta feita pelos Guaranis. O povo irmão que habita há muito tempo esse território que estamos hoje (RS). Eles queimavam sua cerâmica enquanto cozinhavam. Achei pertinente então cozinhar batatas doces, juntamente com a queima da cerâmica. Me preparei para não dar certo, afinal nunca havia feito, nem observado uma queima. A resenha dizia para deixar uns 30 min, sendo que poderia deixar ainda mais. De início deixei 1h talvez, fui colocando as esferas mais próximo do coração da fogueira. Vi elas mudando de cor, ficando pretas em algumas partes. Quando percebi que estava acontecendo mesmo, coloquei elas ainda mais dentro do braseiro. Juntei mais lenha. Fui sentindo meu medo ir embora e aumentando minha confiança no tempo. Ouvi um estouro e percebi que não era da lenha. Retirei algumas esferas, vi a esfera estourada, esperei esfriar. Toquei e vi que algumas precisavam mais calor. Aí sim percebi que precisava entregar aquele meu trabalho para a queima. Refiz o ninho com mais lenha e fui me deitar. Ainda pensei nelas antes de dormir e durante a madrugada, mas quis arriscar. Na manhã seguinte elas estavam lá todas inteiras. Passei a manhã toda em função de limpá-las, admirá-las, de pensar no que fazer na continuação do processo. Lavei elas na água do açude do sítio. Uma água

gélida, mas com o coração alegre em contato com todos esses elementos da Mãe Terra: terra, fogo, água, sentidos, ar. No processo de impermeabilizar com cera, perdi duas esferas, caíram e se quebraram. Guardei os cacos, serão usados como drenagem de plantas. Ao todo restaram 21 esferas. (2021). Não fiz a peça de terminação do mala. Não fiz a quantidade mínima nem a recomendada, mas mesmo assim pendurei na Figueira que recebe os amigos do sítio. Está ao lado de uma orquídea plantada em homenagem a uma falecida amiga. Todos que estavam nesse dia se interessaram pelas esferas e o que elas representam, inclusive as crianças. Não é um mala, mas é uma promessa. Talvez mais mãos possam vir a somar na produção, difusão e na reflexão que elas me propiciaram. Em uma condição tão específica em que o projeto foi apresentado, para mim, ele rompeu muitas bolhas internas, externas e secretas. Que muitos seres possam se beneficiar da sabedoria que cada ser carrega consigo. Gratidão, Mari, por sua sensibilidade e prática compartilhada de forma tão simples.

(Participante E)

Figura 18 — Coletânea do processo realizada por uma participante.



Fonte: Participante E, 2021.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

3.1 MONTAGEM COLETIVA

Foi necessário esperar um tempo para podermos nos reunir com segurança para a montagem. No dia 19 de outubro de 2021, foi feita a primeira reunião presencial do grupo, voltada para os participantes da região metropolitana de Porto Alegre/RS, a qual foi realizada no gramado onde estão localizadas as bandeiras de preces budistas no Centro de Estudos Budistas Bodisatva, em Viamão/RS.

Neste dia, éramos seis pessoas e tínhamos mais de 300 esferas, podendo chegar a montar 3 Malas. Foi escolhido cabo de aço revestido como fio, em função da resistência e maleabilidade para a montagem, sua medida foi feita levando-se em conta o tamanho das esferas, pensando-se em 2 malas reunindo as esferas maiores e um Mala reunindo as esferas menores. Iniciamos a montagem de 2 Malas ao mesmo tempo, em meio a conversas, orientações, prática e uma energia festiva em função desse encontro. Contamos diversas vezes para nos certificarmos de ter 108 esferas no fio antes de realizar a finalização.

Foi decidido doar o Mala feito com as esferas menores para a Escola Caminho do Meio, para que esta possa fazer uma rifa e arrecadar dinheiro. Essa ação se relaciona com a sabedoria da generosidade e nos conecta com uma escola que tem uma proposta embasada nos mesmos princípios que amparam este projeto. O segundo Mala a ser finalizado foi instalado com a participação de todos os presentes em uma grande mangueira na área central de circulação do Centro de Estudos budistas Bodisatva. O terceiro Mala não pode ser finalizado neste dia, pois faltaram algumas esferas.

Seguimos reunindo esferas, inclusive no dia da montagem, alguns participantes trouxeram mais peças para serem queimadas. Com isso, outros Malas poderão ser montados no futuro.

Na mesma semana em que as montagens aconteceram em Viamão, um grupo de participantes da região de Lageado/RS, que contou com a colaboração ativa de uma das integrantes, se reuniu para fazer a montagem de um Mala com 27 contas e instalar na sede do Centro de Estudos Budistas Bodisatva de Lageado.

Uma participante do Paraná acompanhou todo o projeto, mas produziu as esferas e montou o Mala sozinha, seguindo todas as orientações.

Figura 19 — Esferas reunidas para as montagens coletivas no Centro de Estudos Budistas Bodisatva, Viamão/RS.



Fonte: Mariana Wartchow, 2021.

Figura 20 — Processo de montagem dos Malas.



Fonte: Mariana Wartchow, 2021.

Figura 21 — Malas montados.



Fonte: Mariana Wartchow, 2021.

Figura 22 — Mala Gigante I.



Fonte: Mariana Wartchow, 2021.

Figura 23 — Mala Gigante II, instalado em árvore do Centro de Estudos Budistas Bodisatva de Viamão/RS.



Fonte: Mariana Wartchow, 2021

Figura 24 — Mala Gigante III, instalado no Centro de Estudos Budistas Bodisatva de Lajeado/RS.



Fonte: Elisete Maria Colombo Lazzari, 2021.

Figura 25 — Mala Gigante IV.



Fonte: Rosana Bacicheti, 2021.

3.2 DESCRIÇÃO DAS OBRAS

Mala Gigante I (2021)

Obra coletiva e colaborativa produzida no “Projeto Artístico Malas Gigantes” (2020–2021)

Cerâmica e cabo de aço.

Idealização e coordenação: Mariana Wartchow

Participação: Álvaro Luiz Heidrich, Bernadete Beschorner Heidrich, Maria Bernadete Miotti, Mariana Wartchow, Méris Maria Slomp, Raquel Dvoranovski, Susie Tiellet Prunes, Tanya Cappra.

Mala Gigante II (2021)

Instalação no Centro de Estudos Budistas Bodisatva, Viamão/RS.

Obra coletiva e colaborativa produzida no “Projeto Artístico Malas Gigantes” (2020–2021)

Cerâmica e cabo de aço.

Idealização e coordenação: Mariana Wartchow

Participação: Álvaro Luiz Heidrich, Bernadete Beschorner Heidrich, Maria Bernadete Miotti, Mariana Wartchow, Méris Maria Slomp, Raquel Dvoranovski, Susie Tiellet Prunes, Tanya Cappra.

Mala Gigante III (2021)

Instalação no Centro de Estudos Budistas bodisatva, Lajeado/RS.

Obra coletiva e colaborativa produzida no “Projeto Artístico Malas Gigantes” (2020–2021)

Cerâmica e cabo de aço.

Idealização e coordenação: Mariana Wartchow

Colaboração: Eliséte Maria Colombo Lazzari

Participação: Bruno Bohrer, Dalva Schröder, Claudia Moraes, Eliséte Maria Colombo Lazzari, Ivania Trento, Jane Mazzarino, Margarita Gaviria Mejia, Mariana Wartchow, Vívian Souto.

Mala Gigante IV (2021)

Obra produzida no “Projeto Artístico Malas Gigantes” (2020–2021) por Rosana Bacicheti.

Cerâmica e cabo de aço.

Idealização e coordenação: Mariana Wartchow

3.3 DESDOBRAMENTOS A PARTIR DO PROJETO

A partir da ideia inicial, foi elaborada uma escrita que gerou o artigo “Projeto Artístico Malas Gigantes — Arte e espiritualidade, do individual ao coletivo”¹¹, apresentado e publicado nos anais do 29º Encontro Nacional da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas (Anpap), Dispersões de 2020, realizado virtualmente sediado na cidade de Goiânia/GO.

Com inspiração no Projeto, outras ideias se desenvolveram, gerando alguns desdobramentos.

Foi oferecida a “Oficina de Esferas de Argila” como parte das atividades da Reviravolta Cultural realizada na Casa de Artes Regina Simonis, em Santa Cruz do Sul/RS. Nela foi conduzida presencialmente, com os devidos cuidados e distanciamento, uma aula sobre como fazer esferas de argila, acompanhada de orientações para conduzir a um processo meditativo, de olhar primeiramente para si mesmo ao mesmo tempo em que esferas ocas eram feitas. Depois, as esferas foram furadas e foi conduzida uma partilha entre o grupo, com a troca sobre as percepções individuais e coletivas. O Mala montado durante a *live* no YouTube foi exposto nesse dia na Casa de Artes Regina Simonis.

O canal do YouTube¹² MW cerâmica se tornou um material didático onde os diversos vídeos do Projeto Artístico Malas Gigantes ficam disponíveis bem como outras produções relacionadas com cerâmica.

Na disciplina de Estágio II da Licenciatura em Artes Visuais, sob orientação do professor Cristian Mossi, foi produzido o “Projeto de Ensino – Colares de Contas de Cerâmica” (ANEXO I) e o “Material Didático – Colares de Contas de Cerâmica” (ANEXO II), apresentando o projeto em contexto educativo formal, em diálogo com a

¹¹ Artigo disponível em:

http://anpap.org.br/anais/2020/pdf/Mariana_Wartchow_ANPAP_2020_ArtigoFinal-194.pdf

¹² <https://www.youtube.com/c/MWCerâmica>

proposta pedagógica da Escola Caminho do Meio, Viamão/RS, que também se ampara nas sabedorias budistas e na sua relação com os elementos da natureza.

Foi produzido o material “Esferas de Argila para Construções Coletivas” (ANEXO III) na disciplina Docência e Pesquisa: Aula Método Educador da Faculdade de Educação da UFRGS, sob orientação do professor Cristiano Bedin da Costa, que foi publicado no *e-book* “Objetos de Pensar na Pandemia: exercícios para indagar/perdurar a docência”¹³.

Este é um trabalho em poéticas visuais e educação ao mesmo tempo, pois a própria educação tem muito de poesia em sua essência natural. As atividades circularam em um contexto não formal de educação, que também se tornou informal dentro de cada família, mas um material em contexto formal de educação também foi produzido, pensando-se na abrangência e continuidade deste projeto. Com o material educativo, outros professores poderão se apropriar da proposta, e ela poderá seguir circulando dentro de outras escolas desvinculadas do contexto budista, podendo gerar outras produções que não Malas, mas, ainda assim, teremos o aspecto meditativo em um olhar para si mesmo e de conexão com o grupo e algo maior.

4 REFERÊNCIAS

- BARRETO, J. M. (2007). Lugares Moles. São Paulo, São Paulo, Brasil. Acesso em 21 de 10 de 2021, disponível em https://jorggemennabarreto.com/wp-content/uploads/2020/11/dissertac-a-o_jmb.pdf#page=40
- BELTRÃO, L. (2018). Um universo dentro do pincel. *Revista Bodosatva Budismo e transformação de mundo*, 42-51.
- BELTRÃO, L., & LEMES, H. (2018). Entrevista Kaz Sensei. *Revista Bodosatva Budismo e transformação de mundo*, 38-41.
- BLOOMBERG, Q. (17 de 01 de 2017). KIMSOOJA Explores the Notion of Being Human | Brilliant Ideas Ep. 45. Acesso em 30 de 08 de 2021, disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=P3Dq9dNmE-I>

¹³ PDF do *e-book* disponível em: <https://www.univates.br/editora-univates/publicacao/355>

- BRAGA, M., & ZANATTA, C. V. (2018). Participação e colaboração por palavras, vinhos e lanternas que flutuam. *Revista Virus journal*, 17. Acesso em 11 de maio de 2021, disponível em <http://www.nomads.usp.br/virus/virus17/?sec=4&item=10&lang=pt>
- JACOB, M. J. (2004). In the space of art. Em J. Bass, & M. J. Jacob (Eds.), *Buddha mind in contemporary art* (pp. 164-169). Los Angeles, Califórnia, Estados Unidos da América: University of California Press.
- KANDINSKY, W. (1996). *Do Espiritual na Arte e da pintura em particular*. São Paulo: Martins Fontes.
- KIMSOOJA. (2004). Kimsooja. Em J. BASS, & M. J. JACOB (Eds.), *Buddha mind in contemporary art* (pp. 212-219). Los Angeles, Califórnia, Estados Unidos da América: University of California Press.
- LARROSA, J. (2018). *Esperando não se sabe o quê: sobre o ofício do professor* (1ª ed.). Belo Horizonte: Autêntica Editora.
- LARROSA, J. B. (Jan/Fev/Mar/Abr de 2002). Notas sobre a experiência e o saber de experiência. *Revista brasileira de educação*, 19, 20-28. Acesso em 11 de maio de 2021, disponível em <https://www.scielo.br/pdf/rbedu/n19/n19a02.pdf>
- MEC. (s.d.). *Base Nacional Comum Curricular*. Acesso em 5 de outubro de 2021, disponível em Site da Base Nacional Comum Curricular: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br>
- Meio, E. C. (s.d.). *Educar para a felicidade*. Acesso em 13 de agosto de 2021, disponível em Site da Escola Caminho do Meio: <https://educarparaafelicidade.com.br/>
- NORBU, T. (2020). *Dança Mágica: a exibição da natureza intrínseca das cinco dakinis de sabedoria*. Teresópolis, RJ: Lúcida letra.
- PONLOP, D. (2016). *Buda Rebelde na rota da liberdade*. Teresópolis: Lúcida Letra.
- SAMTEN, L. P. (2006). *Mandala do Lótus*. São Paulo: Peirópolis.
- SAMTEN, L. P. (2010). *A Roda da Vida como caminho para a lucidez*. São Paulo: Editora Peirópolis.
- SAMTEN, L. P. (23 de 09 de 2017). O Real e o Ilusório: Conexões entre Budismo e Arte. Porto Alegre. Acesso em 30 de 08 de 2021, disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=nK54UIxEFL0&t=2s>
- SAMTEN, L. P. (2018). Avidya coletiva, como desenvolver algum nível de lucidez e uma visão coletiva que substitua a visão da bolha? Como podemos nos

- movimentar coletivamente. *Revista Bodisatva Budismo e transformação de mundo*(30), 6-11.
- SAMTEN, L. P. (21 de 08 de 2021). #01 | Retiro Operação por Mandalas · Compaixão na Ação · 21/08/21 | Sábado Manhã. Acesso em 21 de 08 de 2021, disponível em https://www.youtube.com/watch?v=9_ef7ABvI-E
- SAMTEN, L. P. (22 de 08 de 2021). #04 | Retiro Operação por Mandalas · Compaixão na Ação · 22/08/21 | Domingo Tarde. Acesso em 23 de 08 de 2021, disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=or28Xxe8Ipk>
- TRUNGPA, C. (1996). *True Perception the path of dharma art*. Boston: Shambala.
- VON DASSOW, S. (Ed.). (2001). *Barrel, Pit, and saggar Firing*. Westerville: The American Ceramic Society.
- VON DASSOW, S. (2009). *Low-firing and Burnishing*. Westerville, Ohio, USA: The American Ceramic Society.
- WANGYAL, T. (2017). *A cura através da forma, da energia e da luz: os cinco elementos no Xamanismo, no Tantra e no Dzogchen do Tibete*. Teresópolis, RJ: Lúcida Letra.
- WANGYAL, T. (2019). *Criatividade espontânea: meditações para manifestar suas qualidades positivas*. Teresópolis: Lúcida Letra.
- WARTCHOW, M. (2020). Projeto Artístico Malas Gigantes - Arte e Espiritualidade, do individual ao coletivo. *Anais do XXIX Encontro Nacional da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas*, pp. 2108-2121. Acesso em 26 de 10 de 2021, disponível em http://anpap.org.br/anais/2020/pdf/Mariana_Wartchow_ANPAP_2020_ArtigoFinal-194.pdf
- ZANATTA, C. V. (2013). *Malas Hierbas: Análisis de una poética personal de arte participativo. Tese de Doutorado*. Universidade Federal do Rio Grande do Sul / Universidad de Valencia-España. Acesso em 11 de maio de 2021, disponível em <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/142892>
- ZANATTA, C. V. (novembro de 2019). A metodologia colaborativa em artes visuais como processo poético. *PÓS: Revista do Programa de Pós-graduação em Artes da EBA/UFMG*, 198-210. Acesso em 11 de maio de 2021, disponível em <https://eba.ufmg.br/revistapos3/index.php/pos/article/view/881/559>
- ZANATTA, C. V., & WARTCHOW, M. (2019). Experiências de Forno de buraco para queima cerâmica – um pouco da História e Atualidade. *Anais do XXVIII*

Encontro nacional da Associação Nacional de pesquisadores em Artes Plásticas, pp. 1017-1032. Acesso em 26 de 10 de 2021, disponível em http://anpap.org.br/anais/2019/PDF/ARTIGO/28encontro____ZANATTA_CI%C3%A1udia_Vicari_e_WARTCHOW_Mariana_1017-1032.pdf

ZORDAN, P. (s.d.). *Paola Zordan*. Acesso em 26 de 10 de 2021, disponível em Site Paola Zordan: <https://www.paolazordan.xyz/contas>

ANEXO I

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

Licenciatura em Artes Visuais

Estágio II – Docência em Artes Visuais no Ensino Fundamental – 2021/1

Professor: Cristian Mossi

Mariana Wartchow

Projeto de ensino – Colares de Contas de Cerâmica

- Material educativo voltado para professores de ensino fundamental

“Colares de contas de cerâmica” é uma proposta de atividade voltada para a relação consigo mesmo e com o coletivo. Tem o intuito de provocar reflexões e até transformações a partir de um convite para uma experiência.

A partir da pesquisa de TCC – “Arte e Espiritualidade, Budismo e Cerâmica como Elementos em uma Produção Poética Coletiva” e do “Projeto Artístico Malas Gigantes” foi pensado um material educativo, que possa ser levado para escolas, pensando-se tanto em vivências para os professores, que pudessem fazer parte das formações anuais, como em uma proposta que possa ser levada por cada professor para a sua sala de aula.

Esse material foi produzido pensando-se na Escola Caminho do Meio, de Viamão-RS. A construção pedagógica desta escola e o planejamento anual tem como referência as 5 sabedorias budistas, além disso a arte é vista como central, possibilitando vivências que tornam o aprendizado mais significativo.

A Escola Caminho do Meio baseia sua proposta pedagógica nas Cinco Sabedorias. Elas sintetizam os principais eixos de trabalho e são presentes no cotidiano escolar. Cada bimestre é dedicado a uma sabedoria, traçando um ritmo anual em harmonia com o momento de aprendizagem e a estação do ano. Elas se fazem presente no planejamento, nas atividades dos alunos.

– **Sabedoria do Acolhimento:** *essa sabedoria nos permite reconhecer o outro no mundo dele, em seu próprio contexto, sem julgamentos pré-estabelecidos, podendo assim estabelecer um contato positivo com ele. Esta sabedoria, também chamada Sabedoria do Espelho, nos permite a compreensão de que o mundo que vemos ao nosso redor é o mundo que reflete nossa mente, assim como a experiência de mundo de todos os seres espelha as premissas mentais que cada um tem ao olhar o mundo.*

- **Sabedoria da Igualdade:** *Desta sabedoria brota um interesse genuíno em mover-se na direção do outro, promovendo suas qualidades e alegrando-se com a alegria e o crescimento do outro. Ao experimentar-se como inseparável do outro, a generosidade brota de maneira natural. No contexto da prática educativa, o educador se alegra naturalmente com os progressos e alegrias das crianças.*
- **Sabedoria Discriminativa:** *Tem por base a lucidez e a serenidade. No contexto da prática educativa, constitui o eixo de compreensão que nos permite diagnosticar obstáculos, orientar e prescrever métodos.*
- **Sabedoria da Causalidade:** *Sabedoria que relaciona as causas e consequências associadas, e busca promover ações que tragam benefícios e reduzir ações que tragam malefícios, bem como tornar essa lógica visível. Esta sabedoria inclui a habilidade de transformar situações desarmônicas, conflitos e obstáculos em oportunidades positivas.*
- **Sabedoria da Transcendência:** *Permite-nos perceber a dimensão livre e criativa diante das mais diversas situações, não nos fixando excessivamente à aparência inicial das circunstâncias e podendo por isso manter um olhar aberto e inovador, através do acesso à região de lucidez, estabilidade e segurança interna em cada um.*

As cinco sabedorias são inseparáveis e transversais, atravessando o cotidiano de uma maneira natural. Entretanto, a cada bimestre no transcorrer do ano uma delas se destaca nos estudos da equipe e vivências das crianças. Elas são integradas ao entendimento das Estações do Ano e festividades culturais, para vivenciarmos a interdependência de tudo o que vivemos. Cada sabedoria é estudada pelos educadores a fim de ensinar através do exemplo, bem como oferecer oportunidade de vivenciá-las através de projetos, brincadeiras significativas, jogos, canções, cantigas de roda, artes em geral.

(<https://educarparaafelicidade.com.br/escola/nossa-proposta/> acesso em 22/09/21)

As cinco sabedorias são a base do pensamento que constrói o Projeto Artístico Malas Gigantes, então essa proposta pode se articular facilmente com a proposta da Escola Caminho do Meio, podendo acompanhar as atividades ao longo do ano inclusive com a associação aos elementos da natureza.

Nosso planejamento anual articula aspectos pedagógicos, ciclos, elementos da natureza e as Cinco Sabedorias. Os projetos têm um eixo bimestral comum para os variados grupos de crianças de toda a Escola, que inclui a observação atenta da natureza ao redor. Favorecemos ainda o desenvolvimento de habilidades artísticas, motoras, comunicativas, sociais, cognitivas, em harmonia com temas significativos ao longo do ano.

A observação de cada um dos cinco elementos naturais – terra, água, fogo, ar e espaço -, ao ser feita de forma viva dentro e fora do nosso corpo, traz a

experiência de sermos inseparáveis da natureza, oferecendo uma ecologia humana e cultivando um pensamento científico que seja, ao mesmo tempo, ético e afetivo. (<https://educarparaafelicidade.com.br/escola/nossa-proposta/> acesso em 22/09/21)

Sabedorias e elementos da natureza	Proposta de atividade	Avaliação
<p>Primeira parte:</p> <p>Vamos trabalhar com elementos terra e água, presentes na composição da argila. As sabedorias associadas a estes elementos são a do acolhimento e da generosidade. É um momento de início das atividades, vamos nos acolher e o barro também vai acolher as nossas mãos. À medida que trabalharmos a argila vamos construindo algo que será oferecido de volta ao grupo, em uma atitude de generosidade e de vivência sobre a riqueza que cada um pode oferecer com aquilo que faz.</p>	<p>Vamos sentar em roda e cada participante receberá uma bola de argila nas mãos. Vamos iniciar com algumas orientações técnicas intercaladas por conversa e apresentações. Nesse formato, esse se torna um momento de conhecermos melhor uns aos outros, conhecer o universo de cada um (sabedoria do espelho). Com relação as técnicas, vamos fazer uma esfera oca a partir da bola de argila. Para tanto, essa massa será apertada no centro, criando um potinho que depois é fechado, aprisionando ar no seu interior. Depois de fechadas se trabalha o exterior, trazendo a forma redonda e criando desenhos, relevos e acabamentos diversos. Posteriormente as peças serão furadas com um palito ou lápis, buscando atravessá-la passando pelo seu centro, para que possam ser conectadas, trazendo a perspectiva de estarmos juntos (sabedoria da generosidade).</p>	<p>Como foi a aceitação inicial?</p> <p>Ter a argila nas mãos estando em roda trouxe alguma qualidade que pode ser observada?</p> <p>Com relação a técnica de fazer esferas ocas, foi possível de ser acompanhada? Gerou prazer ou desconforto?</p> <p>Caso alguém tenha tido muita dificuldade, foi oferecida a opção de só fazer uma esfera pequena e furar?</p> <p>Depois de fechada a esfera, os acabamentos no seu exterior geraram reflexões? Trocas? Inspirações?</p> <p>Como foi a experiência de furar a esfera?</p>
<p>Segunda parte:</p> <p>Vamos trabalhar com os elementos fogo e ar. As</p>	<p>As esferas ficarão dispostas em alguma prateleira onde possam ser observadas, para que as</p>	<p>Como foi o interesse em acompanhar a secagem?</p>

<p>sabedorias associadas a esses elementos são a discriminativa e da causalidade. Vamos acompanhar o processo de secagem da argila, observar seus efeitos e qualidades. Com as peças bem secas vamos fazer um processo de queima cerâmica utilizando o fogo, novamente traremos um olhar de entendimento sobre o processo e transformação que ocorre na argila para se tornar cerâmica. Na queima os elementos fogo e ar trabalham juntos, sua interação e efeitos também poderá ser observada, trazendo um entendimento prático e vivo.</p>	<p>mudanças possam ser percebidas e, inclusive, possa haver novo manuseio das peças durante a secagem, possibilitando outros tipos de acabamentos na medida em que secam. Observar processos de transformação da matéria traz um aprendizado vivo sobre a natureza. A queima poderá ser montada em uma lata furada nas laterais, que pode ser posicionada em um buraco na terra, e dentro dela ficarão as esferas envoltas por bastante serragem. Material combustível como jornais, gravetos e algumas lenhas pequenas serão organizados na parte de cima, onde vamos acender o fogo. Depois de queimar bem esse material colocado na parte superior, o fogo vai passando para a serragem. Nesse momento a lata é tapada, abafando o fogo e reduzindo a sua velocidade. Agora basta esperar. A lata só deve ser aberta no dia seguinte, depois de toda a serragem queimar. As peças retiradas da lata são testadas com água para ver se se tornaram cerâmica, neste caso elas podem ser lavadas com água abundante e não desmancharão mais. As peças que ainda apresentarem qualidades de argila, precisam ser queimadas novamente. Algumas peças podem estourar</p>	<p>Houve interesse em seguir trabalhando nas esferas à medida em que secavam? Quais observações surgiram? Como foi esse processo de precisar ter paciência e esperar o tempo da secagem? Como era o interesse para a queima? Se interessaram em participar e auxiliar na montagem para a queima? Como foi o momento da queima? Como foi o momento da abertura da lata? Quais os resultados observados e reação do grupo a partir deles?</p>
--	---	---

	<p>nesse processo, pois essa é uma forma de queima onde não há tanto controle. Essa questão pode ser abordada levando a reflexões sobre perda, fragilidade, desapego...</p>	
<p>Terceira parte: A montagem da obra coletiva se relaciona com o elemento espaço e com a sabedoria da transcendência. Vamos precisar procurar um espaço físico para a instalação, mas também precisamos vivenciar um espaço de mente que pode sonhar as possibilidades coletivamente, com espaço para ouvir uns aos outros. Vamos utilizar um olhar aberto e criativo, rico, onde a imaginação pode se expandir. Com a montagem a nível físico e material os corpos participarão em conjunto do processo, interagindo e interferindo, conectando as esferas através de um fio, trazemos o aspecto da conexão entre as esferas, mas em especial entre as pessoas que ali participam.</p>	<p>Em grupo é feito um planejamento sobre onde e como a montagem coletiva pode acontecer. Quais materiais serão utilizados na montagem além das esferas de argila? Fios, cabos, arames ou cordas... Qual a dinâmica na montagem? Como o grupo participa e colabora? Tudo isso fica em aberto para trazer a real vivência de um universo de possibilidades, onde a criatividade pode se expressar.</p>	<p>Como o grupo se relaciona neste momento? Conseguem se ouvir? Conseguem estar abertos? Participam? Colaboram? Como se desenvolve a montagem? Como são tomadas as decisões? Qual o resultado com relação a obra e as relações?</p>

Relação entre a Base Nacional Comum Curricular e a proposta:

*A BNCC do **Ensino Fundamental – Anos Iniciais**, ao valorizar as situações lúdicas de aprendizagem, aponta para a necessária **articulação com as experiências vivenciadas na Educação Infantil**. Tal articulação precisa prever tanto a **progressiva sistematização** dessas experiências quanto o desenvolvimento, pelos alunos, de novas **formas de relação** com o mundo, novas possibilidades de ler e formular hipóteses sobre os fenômenos, de testá-las, de refutá-las, de elaborar conclusões, em uma atitude ativa na construção de conhecimentos.*

(<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/abase/#fundamental> acesso em 05/10/2021).

Considerando a BNCC vamos perceber o potencial lúdico do manuseio da argila, ao mesmo tempo que essa relação pode se desenvolver e ficar cada vez mais elaborada e sofisticada, conforme a idade e

dedicação dos estudantes. A proposta deste material pode ser adaptada para alunos dos primeiros anos do ensino fundamental, apenas rolando bolinhas de argila nas mãos e depois as furando.

Nos anos finais do ensino fundamental é possível trazer as técnicas para a construção da esfera oca, como descrita no projeto. Cada esfera pode simbolizar um mundo, onde cada uma pode ser carregada e marcada com possibilidades de desenhos e marcas, mostrando várias esferas de cada um e, mais ainda, do grupo. Podem ser feitas muitas esferas, cada uma é um teste, onde experimentos e conclusões podem ser vividos. A experiência prática nos processos traz um conhecimento vivo, se aprende pela vivência e é capaz de sensibilizar vários níveis do ser.

As esferas se tornam um material para explorar a relação consigo mesmo, com o outro e com o mundo. Podem ser uma desculpa para iniciar uma reflexão sobre como se sentem consigo e em relação aos outros. Cada uma pode expressar a potencialidade e qualidades a partir da diferença.

A escrita pode ser explorada nas esferas que podem ser marcadas com palavras ou frases, cada esfera traz um campo de possibilidades. A matemática com a contagem das contas pode ser explorada ao longo do projeto e em especial na montagem, inclusive a origem dos colares de contas, que inspiram o projeto, é de serem instrumentos para contar.

O estímulo ao pensamento criativo, lógico e crítico, por meio da construção e do fortalecimento da capacidade de fazer perguntas e de avaliar respostas, de argumentar, de interagir com diversas produções culturais, de fazer uso de tecnologias de informação e comunicação, possibilita aos alunos ampliar sua compreensão de si mesmos, do mundo natural e social, das relações dos seres humanos entre si e com a natureza. (<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/abase/#fundamental> acesso em 05/10/2021).

Utilizar materiais naturais, perceber suas qualidades com respeito, nos ajuda na compreensão do mundo natural e social. Pensar uma obra que é feita conectando seres humanos entre si e em relação com a natureza, pode ser uma ferramenta potente de experiência de interconexão.

A aprendizagem de Arte precisa alcançar a experiência e a vivência artísticas como prática social, permitindo que os alunos sejam protagonistas e criadores.

(<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/abase/#fundamental/arte>, acesso em 06/10/2021)

A experiência artística desta proposta tem essa relação social e do protagonismo de cada um, integrado a um todo. As dimensões de criação, crítica, estesia, expressão, fruição e reflexão podem ser exploradas ao longo da vivência, sendo que em cada fase algumas destas são mais valorizadas do que em outras.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

<https://educarparaafelicidade.com.br/escola/nossa-proposta/>

<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/abase/#fundamental>

<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/abase/#fundamental/arte>

ANEXO II



Colares de contas e o Mala:

-
- *Colares de contas estão presentes em diversas tradições, como o próprio nome indica, eles nos ajudam a contar.*
 - *Na tradição Budista temos o Mala, um colar com 108 contas utilizado para contagem de mantras durante a meditação.*
 - *Este objeto especial é a inspiração para esse material, onde cada conta será feita manualmente para depois ser integrada em uma produção coletiva, podendo esta ser um Mala ou outro tipo de produção, conforme o desejo do grupo.*
 - *As contas serão feitas em argila, matéria rica em possibilidades, onde teremos a forma da esfera como referência.*
 - *Nosso olhar deve se voltar para o potencial da experiência, buscando reflexões e percepções sobre o que se passa com nosso corpo, energia e mente durante o processo.*
 - *As esferas de argila precisam passar pelo processo de queima para se tornarem cerâmica e ganharem mais resistência, para tanto elas precisam ser feitas pequenas ou ocas, se forem maiores. Precisam ser furadas para a passagem de um fio.*

Mala Gigante

- Obra produzida coletivamente a partir do Projeto Artístico Malas Gigantes.
- Nela temos um Mala de 108 contas com grandes proporções, com cerca de 6 metros de comprimento, feito com esferas de cerâmica com aproximadamente 5 cm de diâmetro.
- A variação de cores se dá pelo tipo de argila e queima realizada.

Fotografia: Mariana Wartchow, 2021.



Pesquisa e desdobramentos

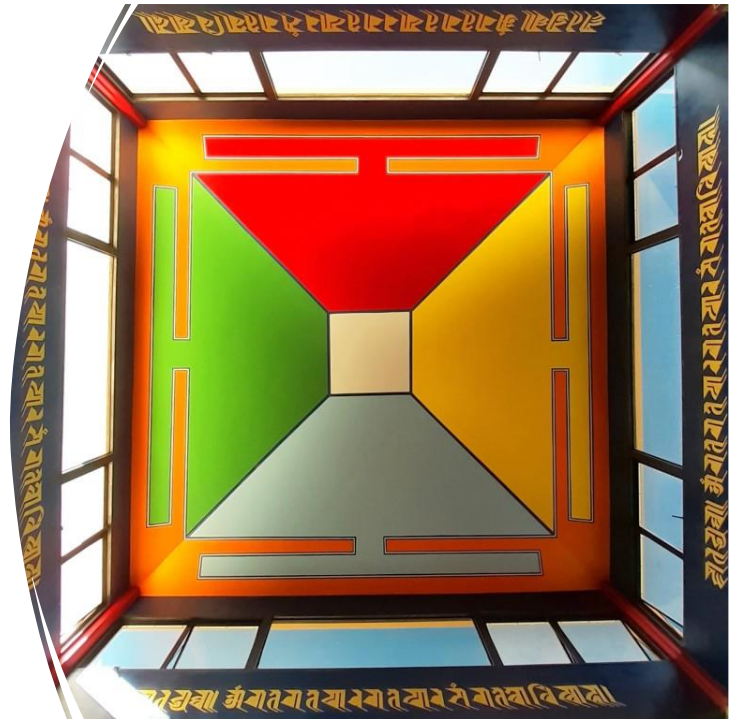
- Em 2020 iniciou o “Projeto Artístico Malas Gigantes”, com aulas transmitidas pelo canal do YouTube <https://www.youtube.com/c/MWCerâmica>. Nessas aulas, técnicas de cerâmica eram abordadas junto com a produção de esferas ocas de argila e, ao mesmo tempo, eram feitos convites para a contemplação.
- As reflexões que embasam o projeto se ancoram na meditação, no budismo e na relação entre arte e espiritualidade.
- As cinco sabedorias budistas estão na base de construção do Projeto Artístico Malas Gigantes e também são a base da pedagogia desenvolvida na Escola Caminho do Meio de Viamão-RS, que também inspira esse material.
- O desenrolar do projeto levou ao Trabalho de Conclusão de Curso “Arte e Espiritualidade, Budismo e Cerâmica como Elementos em uma Produção Poética Coletiva”, onde se encontram o material teórico, referencial bibliográfico, relatos dos participantes e obras coletivas produzidas a partir da proposta.
- Este material é um desdobramento que visa facilitar a reprodução e apropriação da experiência por outros grupos, em contexto de educação formal, não formal ou informal.

Mandala das 5 Sabedorias

Essa imagem é a representação da mandala das cinco sabedorias budistas, com as cores dos 5 Diani Budas .

Estas 5 sabedorias aplicadas na educação inspiram a proposta deste Material Didático.

Fotografia: Ilka Filippini, 2021.



5 Sabedorias

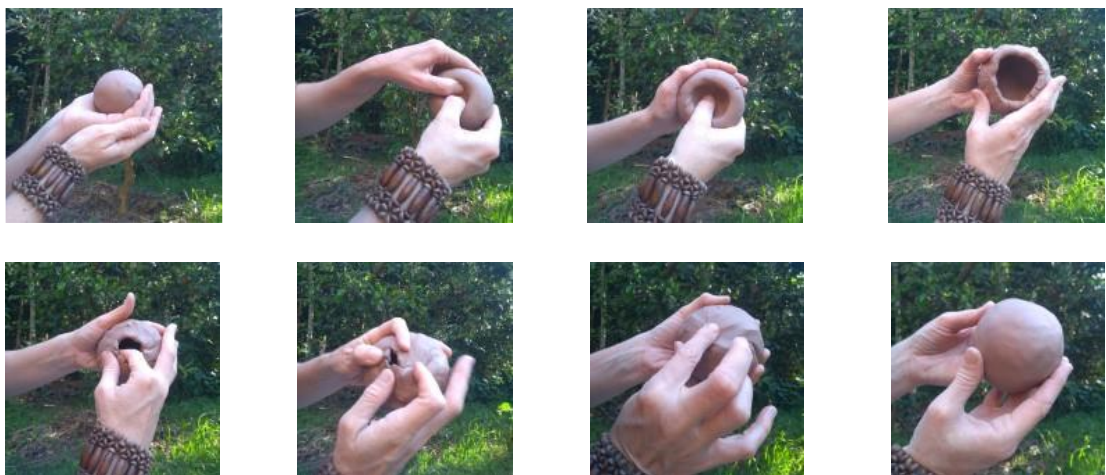
- **Sabedoria do Acolhimento:** essa sabedoria nos permite reconhecer o outro no mundo dele, em seu próprio contexto, sem julgamentos pré-estabelecidos, podendo assim estabelecer um contato positivo com ele. Esta sabedoria, também chamada Sabedoria do Espelho, nos permite a compreensão de que o mundo que vemos ao nosso redor é o mundo que reflete nossa mente, assim como a experiência de mundo de todos os seres espelha as premissas mentais que cada um tem ao olhar o mundo.
- **Sabedoria da Igualdade:** Desta sabedoria brota um interesse genuíno em mover-se na direção do outro, promovendo suas qualidades e alegrando-se com a alegria e o crescimento do outro. Ao experimentar-se como inseparável do outro, a generosidade brota de maneira natural. No contexto da prática educativa, o educador se alegra naturalmente com os progressos e alegrias das crianças.
- **Sabedoria Discriminativa** Tem por base a lucidez e a serenidade. No contexto da prática educativa, constitui o eixo de compreensão que nos permite diagnosticar obstáculos, orientar e prescrever métodos.
- **Sabedoria da Causalidade:** Sabedoria que relaciona as causas e consequências associadas, e busca promover ações que tragam benefícios e reduzir ações que tragam malefícios, bem como tornar essa lógica visível. Esta sabedoria inclui a habilidade de transformar situações desarmônicas, conflitos e obstáculos em oportunidades positivas.
- **Sabedoria da Transcendência:** Permite-nos perceber a dimensão livre e criativa diante das mais diversas situações, não nos fixando excessivamente à aparência inicial das circunstâncias e podendo por isso manter um olhar aberto e inovador, através do acesso à região de lucidez, estabilidade e segurança interna em cada um.

(<https://educarparaafelicidade.com.br/escola/nossaproposta/> acesso em 22/09/21)

Primeira parte:

- *Vamos trabalhar com elementos terra e água, presentes na composição da argila. As sabedorias associadas a estes elementos são a do acolhimento e da generosidade. É um momento de início das atividades, vamos nos acolher e o barro também vai acolher as nossas mãos. À medida que trabalharmos a argila vamos construindo algo que será oferecido de volta ao grupo, em uma atitude de generosidade e de vivência sobre a riqueza que cada um pode oferecer com aquilo que faz.*
- *Vamos sentar em roda e cada participante receberá uma bola de argila nas mãos. Vamos iniciar com algumas orientações técnicas intercaladas por conversa e apresentações. Nesse formato, temos um momento de conhecermos melhor uns aos outros, conhecer o universo de cada um (sabedoria do espelho).*
- *Com relação as técnicas, vamos fazer uma esfera oca a partir da bola de argila, para tanto, essa massa será apertada no centro criando um potinho, que depois é fechado aprisionando ar no seu interior. Depois de fechadas se trabalha o exterior, trazendo a forma redonda e criando desenhos, relevos e acabamentos diversos.*

Como fazer esferas de argila ocas:



Furando as esferas:

- Posteriormente as peças serão furadas com um palito ou lápis.
- Dois lados são furados de forma alinhada, buscando atravessá-la, passando pelo seu centro para que possam ser conectadas por um fio, trazendo a perspectiva de estarmos juntos (sabedoria da generosidade).

Fotografia desta e página anterior:
Brisa Wartchow de Oliveira, 2021.



Segunda parte:

- Vamos trabalhar com os elementos fogo e ar. As sabedorias associadas a esses elementos são a discriminativa e da causalidade. Vamos acompanhar o processo de secagem da argila, observar seus efeitos e qualidades. Com as peças bem secas vamos fazer um processo de queima cerâmica utilizando o fogo. Novamente traremos um olhar de entendimento sobre o processo e transformação que ocorre na argila, para se tornar cerâmica. Na queima, os elementos fogo e ar trabalham juntos, sua interação e efeitos também poderão ser observados, trazendo um entendimento prático e vivo.
- As esferas ficarão dispostas em alguma prateleira onde possam ser observadas, para que as mudanças possam ser percebidas e inclusive possa haver novo manuseio das peças durante a secagem, possibilitando outros tipos de acabamentos na medida em que secam. Observar processos de transformação da matéria traz um aprendizado vivo sobre a natureza.
- A possibilidade de queima aqui descrita será a na lata com serragem, pela facilidade na montagem, na queima, e ser de baixo custo.

Queima em lata com serragem:

- O Material a ser utilizado será: uma lata furada nas laterais, serragem e as peças de cerâmica.
- A queima é montada na lata, dentro dela ficarão as esferas envoltas por bastante serragem.
- Posicione a lata em local seguro para a queima, podendo inclusive ser dentro de um buraco na terra.
- Material combustível como jornais, gravetos e algumas lenhas pequenas serão organizados na parte de cima, onde vamos acender o fogo. Depois de queimar bem esse material colocado na parte superior, o fogo vai passando para a serragem. Nesse momento a lata é tapada, abafando o fogo e reduzindo a sua velocidade. Agora basta esperar. A lata só deve ser aberta no dia seguinte, depois de toda a serragem queimar.

Fotografia: Mariana Wartchow, 2021.



Montagem e queima:



Abertura da lata:

- No dia seguinte vamos abrir a lata.
- As peças estarão entre as cinzas, vamos removê-las e testar com água para verificar se viraram cerâmica.
- Primeiro esfregamos com os dedos úmidos, caso desmanchem um pouco, não viraram cerâmica e precisam passar por nova queima.
- Aquelas que estão bem firmes e não desmancham ao serem esfregadas com os dedos úmidos, podem ser colocadas de baixo da água para serem lavadas.
- A peça que se tornou cerâmica não desmancha mais em contato com a água.

Fotografia desta e página anterior: Mariana Wartchow, 2021.



Resultados da queima:

- Como não temos um fogo totalmente regular nesse tipo de queima, podemos ter peças que se tornaram cerâmica e outras que não atingiram temperatura suficiente ao final.
- Ao lado podemos ver duas imagens, a esfera preta se tornou cerâmica, a outra ainda é argila em boa parte, pois o fogo não se desenvolveu tão bem no seu entorno. Essa peça não deve ser colocada na água, ela precisa passar novamente pela queima.



Fotografia: Mariana Wartchow, 2021

Terceira parte:

- *A montagem da obra coletiva se relaciona com o elemento espaço e com a sabedoria da transcendência. Vamos precisar procurar um espaço físico para a instalação, mas também precisamos vivenciar um espaço de mente que pode sonhar as possibilidades coletivamente, com espaço para ouvir uns aos outros.*
- *Vamos utilizar um olhar aberto e criativo, rico, onde a imaginação pode se expandir. Com a montagem a nível físico e material, os corpos participarão em conjunto do processo, interagindo e interferindo, conectando as esferas através de um fio, trazemos o aspecto da conexão entre as esferas, mas em especial entre as pessoas que ali participam.*
- *O planejamento sobre onde e como a montagem coletiva pode acontecer é feito em grupo. Quais materiais serão utilizados na montagem além das esferas de argila? Fios, cabos, arames ou cordas... Qual a dinâmica na montagem? Como o grupo participa e colabora? Tudo isso fica em aberto para trazer a real vivência de um universo de possibilidades, onde a criatividade pode se expressar.*

Processos de montagem:



Mala Gigante II

Instalação coletiva realizada no Centro de Estudos Budistas Bodisatva em Viamão-RS, resultado do Projeto Artístico Malas Gigantes (2020 – 2021).



Referências Bibliográficas

- LARROSA, J. (2018). *Esperando não se sabe o quê: sobre o ofício do professor* (1ª ed.). Belo Horizonte: Autêntica Editora.
- LARROSA, J. B. (Jan/Fev/Mar/Abr de 2002). Notas sobre a experiência e o saber de experiência *Revista brasileira de educação*, 19 20-28. Acesso em 11 de maio de 2021, disponível em <https://www.scielo.br/pdf/rbedu/n19/n19a02.pdf>
- MEC. (s.d.). *Base Nacional Comum Curricular*. Acesso em 5 de outubro de 2021, disponível em Site da Base Nacional Comum Curricular: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br>
- Meio, E. C. (s.d.). *Educar para a felicidade*. Acesso em 13 de agosto de 2021, disponível em Site da Escola Caminho do Meio <https://educarparaafelicidade.com.br/>
- SAMTEN, L. P. (2006). *Mandala do Lótus*. São Paulo: Peirópolis.
- SAMTEN, L. P. (2010). *A Roda da Vida como caminho para a lucidez*. São Paulo: Editora Peirópolis.
- VON DASSOW, S. (Ed.). (2001). *Barrel, Pit, and saggar Firing*. Westerville The American Ceramic Society.
- VON DASSOW, S. (2009). *Low-firing and Burnishing*. Westerville, Ohio, USA: The American Ceramic Society.
- WANGYAL, T. (2019). *Criatividade espontânea: meditações para manifestar suas qualidades positivas*. Teresópolis: Lúcida Letra.
- WARTCHOW, M. (2020). Projeto Artístico Malas Gigantes Arte e Espiritualidade, do individual ao coletivo *Anais do XXIX Encontro Nacional da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas*, pp. 2108-2121. Acesso em 26 de 10 de 2021, disponível em http://anpap.org.br/anais/2020/pdf/Mariana_Wartchow_ANPAP_2020_ArtigoFinal194.pdf

ANEXO III

Objetos de Pensar na Pandemia

Título: Esferas de argila para construções coletivas

Autor(a): Mariana Wartchow

Professor(a)/ Orientador(a): Cristiano Bedin da Costa

Espaço de criação: Disciplina da Faculdade de Educação - UFRGS – Docência e Pesquisa: Aula Método Educador

Esferas de argila para construções coletivas

As mãos na argila para conectar mente e coração. Quando as mãos tocam na terra, o que se passa no meu ser? Qual a minha experiência?



“Não é que tenhamos perdido as mãos, mas sim que nos foram cortadas, não é que tenhamos perdido os gestos (e as maneiras), mas sim que tenham sido ignorados e menosprezados; não é que tenhamos perdido a língua, mas sim que nos ensinaram a falar em uma que não é a nossa. Por essa razão, repensar a vocação através do desvio do artesanato, das mãos e das maneiras, pode talvez servir para reivindicar a dignidade (talvez irremediavelmente perdida) do ofício do professor, para sugerir que se pode pensar (e fazer) de outra maneira ou, pelo menos, para lembrar que talvez o que nos é dado como natural e necessário não seja nada mais do que aquilo que nos foi imposto e que ainda nos é imposto, na maioria das vezes, é claro, com a nossa colaboração entusiasta.” (Larrosa, 2018, p-42)

Pegue uma bola de argila nas mãos, entre em contato, sinta ela, amasse, aperte, molde...

Agora comece a fazer uma esfera, pode ser oca ou sólida, mas enquanto se relaciona com o fazer e com essa forma, olhe para si mesmo. A esfera representa a unidade! Você

fechado em si mesmo. O que você vê? O que você encontra? O que tem vontade de fazer com ela?

Ao final do processo faça um furo que a atravessa, procure encontrar seu eixo. Que lugar é esse por onde o eixo passa?

O que te leva para o seu eixo?

O que sai a partir do seu eixo?

Qual é a sua fala?

Faça quantas esferas desejar.

Depois vamos reunir as esferas de várias pessoas, passando um fio que as une e passa pelo seu eixo, conectando vários “eus” individuais, para construir uma obra coletiva.

O que sai dessa montagem coletiva?

O que ela diz para você?

Pandemia:

A pandemia nos fez pensar muito sobre o que é natural e o que nos é imposto.

Estar consigo mesmo se tornou necessário.

As vezes com possibilidade de contato com a natureza, em algumas situações nem isso sendo possível.

A argila se torna uma opção de elemento para um contato com a natureza, ao mesmo tempo que possibilita uma exploração da manualidade, que muitas vezes pode estar bem adormecida.

O fazer, pode ser um caminho para se perceber, explorar e expressar. Ter no objeto um caminho para se conhecer.

Mas precisamos refletir sobre nossas conexões e como tudo está interligado. Por isso esse objeto começa num processo consigo mesmo, mas vai na direção da formação de um objeto coletivo, interconectado, onde muitas esferas, de diversas pessoas, são ligadas por um fio.

O fio que nos conecta é um aspecto importantíssimo, mesmo que muitas vezes nem posso ser visto.

Referência Bibliográfica:

LARROSA, J. Esperando não se sabe o quê: sobre o ofício do professor. 1 ed. Belo Horizonte, Autêntica Editora, 2018.

Fotografia: Lua Dallagnol Cezimbra